

**UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ**

**LUCIANE ALVES VERCILLO**

**O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL AUTÔNOMO DO PROFESSOR NO  
DIÁLOGO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM AMBIENTE DE ARTIGOS  
MULTIMÍDIA.**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MÔNICA RABELLO DE CASTRO**

**RIO DE JANEIRO  
2007**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

LUCIANE ALVES VERCILLO

O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL AUTÔNOMO DO PROFESSOR NO  
DIÁLOGO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM AMBIENTE DE ARTIGOS  
MULTIMÍDIA.

Dissertação apresentada à Universidade  
Estácio de Sá, como requisito à obtenção  
do grau de Mestre em Educação.

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MÔNICA RABELLO DE CASTRO

RIO DE JANEIRO  
2007

Aos meus pais, que me ensinaram a viver dignamente;

Ao meu marido, pela cumplicidade;

Aos meus filhos, pela compreensão e amor;

A minha orientadora, que me ensina a aprender.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela conclusão deste trabalho.

Á minha orientadora, Mônica Rabello de Castro, pela firmeza nos meus momentos difíceis,  
pelo carinho e atenção durante toda a trajetória desta pesquisa.

Ao meu marido Sérgio, pelo apoio nos momentos da minha ausência durante a trajetória do  
mestrado.

Aos meus filhos Carolina e Pedro Henrique, pelos beijos e compreensão de conviver com o  
meu estudo.

Aos professores do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá, pelo  
conhecimento compartilhado.

Aos colegas do Colégio Bezerra de Araújo, pela participação no estudo.

“O conhecimento é uma moeda de troca maravilhosa:  
Quando compartilhamos, ele aumenta”.

Luiz Carlos Q. Cabrera

## RESUMO

### O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL AUTÔNOMO DO PROFESSOR NO DIÁLOGO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM AMBIENTE DE ARTIGOS MULTIMÍDIA.

Luciane Alves Vercillo

O desenvolvimento profissional de professores encontra dificuldades que vêm causando impacto negativo para as mudanças que se mostram necessárias à escola. Num período de rápidos avanços tecnológicos, ambientes virtuais têm sido aperfeiçoados para instrumentalizar o professor. O objetivo deste estudo foi investigar processos argumentativos versando sobre a prática educacional num site produzido para o desenvolvimento profissional autônomo do professor. O site Artigos Multimídia agrega recursos como: vídeo, som e imagem estática (gráficos, tabelas, fotos, desenhos) e fórum, permitindo ao professor dialogar com seus pares. Os recursos são continuamente re-criados pelos professores através de acessos pela *web*, interconectando-se uns com os outros, construindo em um único texto ou página hipertextual, diversas possibilidades de interação. Nessa interação, observou-se o jogo argumentativo que se instala, quais são os acordos sobre os quais fundamentam a prática docente, até que ponto o argumento utilizado por um professor é suficiente para interferir diretamente nas crenças de outro. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram articulados os conceitos de desenvolvimento profissional, autonomia e argumentação. Em uma etapa inicial, 30 professores pertencentes à rede particular de ensino médio responderam a um questionário sobre sua prática educacional, desejo e disponibilidade de participar da pesquisa. Desses, 22 professores voluntários dispuseram-se a acessar o site, durante dois meses, além de outros participantes eventuais, já que o site esteve disponível para qualquer um na *web*. O material considerado para a análise foram os comentários publicados diretamente no site, motivados por situações oferecidas por um *menu*. Os resultados mostraram que os temas escolhidos pelos participantes são privilegiadamente aqueles que versam diretamente sobre o dia a dia da prática docente. Mostram que está sempre presente no discurso dos participantes uma oposição entre dois tipos de prática docente: uma pedagogia denominada tradicional, ultrapassada, a que efetivamente tem lugar na escola, e uma outra ainda não existente, libertadora, que se dedicam a definir e caracterizar, não importando o tema da discussão. Apontam a necessidade de caminhos para a transformação de uma na outra e os obstáculos que se interpõem nesse caminho. Identificam a necessidade das mudanças por uma evidente transformação das relações sociais, que inviabilizam a prática docente atual. O site mostrou-se amigável ao desenvolvimento da argumentação dos participantes, embora não tenham sido verificadas efetivas mudanças de ponto de vista dos participantes.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento profissional. Autonomia. Artigos multimídia. Argumentação sobre a prática docente.

## ABSTRACT

### THE TEACHER AUTONOMOUS PROFESSIONAL DEVELOPMENT IN THE DIALOG ABOUT TEACHING PRACTICES IN A MULTIMEDIA ENVIRONMENT

Luciane Alves Vercillo

The teachers professional development is causing negative impact on the school change needs. While fast technological advances have been occurring, virtual environment has improved the teacher work. The objective of this study was to investigate the argumentative process about the educational practice in a site constructed to the teacher autonomous professional development. The site Artigos Multimídia involves some resources like: video, sound, static image (graphics, lists, photos, drawings) and forum, allowing the professor to talk with their partners. Professor recreates the resources through the access by the web, connecting each one, building in only one text or hypertext page, with many possibilities of interaction. We observed the argumentative strategy of each one, which are the agreements the teaching practice is based on and how far the teacher argument is sufficient to influence other beliefs. Professional development, autonomy and argumentation concepts were articulated. At first, 30 teachers from the private high schools answered a questionnaire about the educational practice, availability and wishes to participate of the research. From them, 22 voluntary teachers wanted to access the site, during 2 months, besides other occasional participants, since the site was open to everyone in the web. The material for the analysis was the commentaries published straight to the site, motivated by different situations offered by a menu. The results show that the themes chosen by the participants are the ones that are aimed to the teacher day by day practice. They show that there is an opposition between two kinds of teacher practice, that is always present in the participant's discourses: a pedagogy called traditional, overpassed, the one that has a place in the school, and another one, that is not available, liberator, that they characterize and define, despite the theme of the discussion. The teachers show a need of ways to transform one in another and the impairments to reach them. They identify the need of social relation transformation that doesn't happen in the real practice. The site showed itself friendly to the development of participant arguments although effective changes of participants points of view couldn't be observed.

**Key words:** Professional developments. Autonomy. Artigos Multimídia. Arguments about the teacher practice.



## ÍNDICE DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Página de entrada do ambiente Artigos Multimídia.....                    | 43 |
| Figura 2 - Página para escolha do tema a partir das opções do ambiente .....        | 44 |
| Figura 3 - Página para escolha do vídeo ou texto a partir do tema do ambiente ..... | 44 |
| Figura 4 - Página de apresentação do texto escolhido.....                           | 45 |
| Figura 5 - Página do texto e inclusão de comentários .....                          | 45 |
| Figura 6 - Página do texto com o comentário já inserido.....                        | 46 |
| Figura 7 - Página da opção interatividade .....                                     | 56 |
| Figura 8 - Página da interatividade com opção texto ou vídeo .....                  | 57 |
| Figura 9 - Página da opção texto com inclusão de comentário .....                   | 57 |
| Figura 10 - Página com comentário já inserido .....                                 | 58 |

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO I : INTRODUÇÃO**

|                       |    |
|-----------------------|----|
| 1.1 Problemática..... | 09 |
|-----------------------|----|

### **CAPÍTULO II : REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO**

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| 2.1 Desenvolvimento Profissional..... | 19 |
|---------------------------------------|----|

|  |    |
|--|----|
| 2.2 Autonomia no Desenvolvimento Profissional..... | 23 |
|--|----|

|   |    |
|---|----|
| 2.3 Argumentação no Desenvolvimento Profissional..... | 28 |
|---|----|

### **CAPÍTULO III : METODOLOGIA**

|                             |    |
|-----------------------------|----|
| 3.1 Artigos Multimídia..... | 33 |
|-----------------------------|----|

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| 3.2 Sujeitos e procedimentos..... | 35 |
|-----------------------------------|----|

|                       |    |
|-----------------------|----|
| 3.3 Instrumentos..... | 38 |
|-----------------------|----|

### **CAPÍTULO IV : RESULTADOS**

|   |    |
|---|----|
| 4.1 Análise das interações no site..... | 41 |
|---|----|

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| 4.2 Discussão dos resultados..... | 70 |
|-----------------------------------|----|

|                       |           |
|-----------------------|-----------|
| <b>CONCLUSÃO.....</b> | <b>74</b> |
|-----------------------|-----------|

|                         |           |
|-------------------------|-----------|
| <b>REFERÊNCIAS.....</b> | <b>77</b> |
|-------------------------|-----------|

|                    |           |
|--------------------|-----------|
| <b>ANEXOS.....</b> | <b>80</b> |
|--------------------|-----------|

|                     |    |
|---------------------|----|
| A.Questionário..... | 80 |
|---------------------|----|

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| B.Texto: Com medo dos alunos..... | 84 |
|-----------------------------------|----|

|                                  |    |
|----------------------------------|----|
| C.Comentários feito no site..... | 88 |
|----------------------------------|----|

## **CAPÍTULO I**

### **INTRODUÇÃO**

Na década de 1980, ocorreram movimentos de educadores que tinham como objetivo uma reestruturação da formação de professores por ser questão prioritária na construção da qualidade de qualquer projeto educacional (MARQUES, 2000). Esse fato coloca em destaque a relação entre a formação do professor e a aprendizagem do aluno.

Para Demo (2000, p.10), atingir patamares aceitáveis de qualidade educativa da população é estratégia primordial para resolver a questão da qualificação dos professores. Para ele, “professores que não são livres para construir suas próprias atividades, pesquisas, engajar-se em aprendizagem significativa, assumir riscos, tomar decisões, assessorar sua própria competência, serão incapazes de criar possibilidades para os estudantes.”. Percebemos que a aprendizagem do aluno depende, antes de tudo, da qualidade de ensino, ou melhor, da capacidade permanente de aprender do professor. Dito isso, podemos estabelecer uma correlação entre a aprendizagem dos alunos e a aprendizagem dos professores.

De acordo com estatística do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacional Anísio Teixeira (BRASIL, 2003), referente à situação dos professores e condições de trabalho, duas razões comprometem o desenvolvimento profissional do professor: carga horária superior a quarenta horas e tempo indisponível para discussão de problemas referentes a sua própria prática educativa.

Como podemos perceber do contexto educacional brasileiro, os professores não têm disponibilidade de tempo e de espaço para debates referentes à prática educativa. Calixto (2003) aborda o tema enfatizando que o espaço da prática educativa não é apenas o lugar da aplicação da teoria, mas de constituição dos saberes próprios a esta prática. A prática

educativa corresponde às experiências, e reflexões sobre estas, acumuladas na carreira docente, compreendendo a reflexão sobre a teoria e a aplicação desta na prática. No espaço da prática, realiza-se a formação e a aprendizagem, onde os saberes são construídos no interior de práticas sociais, através de trocas entre um grupo de pessoas, sobretudo, através do diálogo.

A pouca disponibilidade de tempo e de espaços para debates e a sobrecarga de trabalho dos professores ressalta a necessidade de se criar caminhos novos que possibilitem as mudanças necessárias, sendo o diálogo o ponto de partida para as trocas, aprimoramento e reflexão coletiva, que estimulem o desenvolvimento profissional do professor. Segundo Braslavsky (2001), faz-se necessário dinamizar processos de intercâmbio e de diálogo em relação a desafios comuns, que contribuam para a geração de melhores cenários em torno de conteúdos e estratégias metodológicas.

Na 46ª Conferência Internacional de Educação da Unesco (UNESCO, 2003), mobilizar os professores constitui uma das chaves da eficácia de transformação da educação. É necessário um processo de autotransformação consciente e sistemático na capacidade de gerenciar sua abertura a valores e horizontes universais.

Desenvolvimento profissional do professor, formação inicial e formação continuada são questões amplamente discutidas quando o tema é aprendizagem e o foco principal é o professor, por essa razão é importante diferenciar os conceitos em questão.

Para Ponte (1998), o desenvolvimento profissional do professor é um processo de crescimento na sua competência em termos de práticas letivas e não letivas, no autocontrole da sua atividade como educador e como elemento ativo da organização escolar. É um processo que engloba todos os tipos de experiência vividas na aprendizagem e que contribui para a docência a partir da própria experiência, da vivência e da integração com outros

professores. O desenvolvimento profissional diz respeito aos aspectos ligados à didática e também à ação educativa, mas em geral, também aos aspectos pessoais e relacionais de interação com os outros professores e com a comunidade extra-escolar.

Ponte (2003) sugere que o desenvolvimento profissional realiza-se por um movimento que vai da prática dos outros para a nossa prática, da teoria para a prática ou, ainda, da prática para a teoria. O professor desenvolve-se a partir da reflexão sobre a teoria e a prática nas trocas de experiências.

A formação inicial tem sido realizada a partir de modelos teóricos conceituais prontos, apresentados em disciplinas isoladas que devem ser absorvidas como conhecimentos pedagógicos, sem a participação ativa dos futuros profissionais e sem a participação ativa do grupo envolvido. Mello (2000) afirma que a formação inicial é descontextualizada e compartimentalizada em disciplinas estanques e o futuro professor durante a sua formação não desenvolve a capacidade de relacionar teoria e prática. Assim, a formação inicial se reduz a um conhecimento pedagógico abstrato e sem a participação ativa dos estudantes.

A formação inicial, ainda segundo Ponte (1998), tem como idéia central a freqüência do futuro professor em cursos, nos quais assimila conhecimentos partindo da teoria e nela permanecendo sem participação ativa, enquanto que no desenvolvimento profissional tem-se presente a idéia da participação ativa do professor levando à troca de experiência e reflexão; dando opção ao professor de escolher sua participação em projetos e permitindo maior integração entre os participantes.

Com a distinção entre formação inicial e desenvolvimento profissional, Ponte pretende fazer uma crítica de como tem sido realizada a formação inicial do professor, isto é, o pequeno impacto das teorias na prática docente, enquanto o desenvolvimento profissional valoriza a relação entre teoria e prática e reivindica um espaço para esta reflexão.

De acordo com Santos (2005), a formação continuada atende uma carência do professor referente à formação inicial, isto é, tem como objetivo privilegiar o aprendizado básico necessário para a atuação docente. Para ele, o desenvolvimento profissional pode incluir a formação continuada, mas cabe ao professor tomar decisões em questões que acredita serem fundamentais para projetos que quer empreender e a forma de como executar.

A formação continuada também tem sido realizada através de cursos, como se fossem módulos, enquanto o desenvolvimento profissional do professor é visto como um todo. Além disso, a formação continuada é construída preferencialmente com a teoria, ao passo que o desenvolvimento profissional deve necessariamente considerar a teoria e a prática de uma forma interligada.

Com a exploração do conhecimento e a rapidez das mudanças, nenhuma formação pode ser suficiente e o desenvolvimento profissional se tornou uma aprendizagem ao longo da vida. Existe, uma forte correlação positiva entre a aprendizagem dos docentes; os docentes aprendem melhor em modalidade grupal. (DELLANOY, 2000, p.223)

Para Contreras (2002), o desenvolvimento profissional conduz o docente a construir a noção de autonomia como exercício reflexivo, como forma de intervenção nos contextos concretos das práticas, onde as decisões são produto de considerações sobre as situações vividas. Para construir a própria autonomia profissional, o professor não pode deixar de construir determinados contextos, valores e práticas de cooperação. Para ele, a autonomia profissional não se desenvolve nem se realiza, nem é definida pela capacidade de isolamento, pela capacidade de “se arranjar sozinho”, nem pela capacidade de evitar o trato de influências ou relações. Ao contrário, autonomia se desenvolve em um contexto de relações, não isoladamente. A autonomia não significa isolamento e sim a construção de encontros.

O professor como profissional ativo e reflexivo constrói a autonomia através da intervenção nos contextos concretos da prática, onde as decisões são produtos de suas reflexões sobre a teoria e a prática. Decisões autônomas dos professores devem ser entendidas

como um exercício da crítica, levando em conta diferentes pontos de vista. Dessa forma, não se pode desvincular a autonomia das relações de cooperação entre diferentes profissionais, pois ela é uma forma de manter e construir relações. A autonomia é um aspecto fundamental no processo de desenvolvimento profissional, pois supõe um professor ativo em sua prática, promovendo a construção do coletivo através da interação e cooperação com o grupo. Supõe, assim, o diálogo e discussões referentes ao conhecimento, capacidade de decisão, de processar e selecionar informações, criatividade e iniciativa.

A ação é peça essencial para a autonomia, pois nos torna autores do nosso próprio evoluir histórico. O indivíduo é capaz de uma atividade refletida própria e não uma atividade que foi pensada por outro sem a sua participação.

Mercado (1999) concebe o desenvolvimento autônomo como relação de cooperação, parceria e compartilhamento entre os diferentes aprendizes, ou seja, interações interindividuais num contexto de cooperação, de diálogo, mediante o desenvolvimento de operações de reciprocidade, complementaridade e correspondência, o que pode ser incentivado com vivências de trabalho em grupo, na busca de soluções para os problemas propostos, reconhecendo a importância do saber de cada membro do grupo na construção do saber coletivo.

Na Segunda Reunião dos Parceiros da Educação Superior (UNESCO Brasil, 2003) o então Ministro da Educação, Cristovam Buarque, fez um apelo aos professores:

*Por favor, aceitem o risco de ser professores num tempo em que o conhecimento muda a cada instante, exigindo dedicação para acompanhar as mudanças contínuas. Aceitem com audácia esse desafio, e sigam rumo à criação de novas maneiras de conhecer, por mais efêmeras que sejam.*

Com esta fala, coloca em destaque a crescente variedade de meios de comunicação e informação, que amplia as possibilidades de aprendizagem autônoma, o que torna necessária a

promoção do diálogo entre professores para impulsionar a capacidade de informação e aprendizagem do grupo.

Desenvolvimento profissional e a autonomia são desenvolvidos a partir das relações entre profissionais interessados e envolvidos com idéias similares. Segundo Calixto (2003), a argumentação é o “lugar” do saber. Saber alguma coisa não é somente emitir um juízo verdadeiro a respeito de algo, mas também ser capaz de determinar porque razões esse juízo é verdadeiro. Com a argumentação buscamos convencer o outro da veracidade de um determinado ponto de vista e levá-lo a adesão da tese a que foi exposto.

A argumentação objetiva convencer o interlocutor da validade de uma determinada tese e levá-lo a uma ação coerente com ela. Para Perelman (1999), argumentar é agir sobre um determinado auditório visando modificar suas convicções através o discurso que lhe é dirigido. Ambientes de aprendizagem desenvolvidos com tecnologias da informação e comunicação são ambientes computacionais onde, segundo Mercado (1999), desenvolvem-se estudos que proporcionam ação e reflexão sobre objetos de conhecimento, favorecendo a aprendizagem. São, portanto, ambientes em que predominam processos argumentativos. Esses ambientes de aprendizagem podem ser uma alternativa para gerenciamento da autonomia e o desenvolvimento profissional do professor, mais especificamente, do professor ensino médio, levando em consideração as dificuldades já apontadas.

É grande a preocupação com a qualidade de ensino e sua relação com a formação dos professores e a aprendizagem dos alunos. Em vista disso, faz-se necessária à investigação de novos caminhos que propiciem espaços de debates que efetivamente sejam uma alternativa para o professor refletir sobre sua prática e buscar, junto a seus pares, novas formas de trabalho, novos métodos, ou seja, espaços para o seu desenvolvimento enquanto profissional. Foi pensando nessa possibilidade que desenvolvemos este estudo envolvendo o uso de um



ambiente de troca de experiências, para refletir sobre a prática docente. A importância desta pesquisa está relacionada à produção de conhecimento sobre o desenvolvimento profissional do professor e da autonomia docente através do processo de autotransformação em ambientes tecnológicos de troca entre pares, visando melhorias no cenário da educação.

Dentre as formas de tecnologias de informação e comunicação voltadas para o uso educacional, o computador é um ambiente de aprendizagem que oferece possibilidades para a interação entre os professores, gerando situações propícias ao exercício da autonomia. Nesta pesquisa, investigaremos o discurso dos professores referente a sua prática, quando interagem no site <[www.artigosmultimedia.pro.br](http://www.artigosmultimedia.pro.br)>. Este site possibilita aos professores observar situações em sala de aula e, a partir daí, refletir e registrar o que viram no ambiente, podendo tecer comentários sobre a prática educativa, como o comportamento de um docente, o comportamento de um aluno, ou fazer comentários que julguem mais conveniente para uma dessas situações, fornecer dicas pedagógicas, enfim, realizar trocas pedagógicas.

O ambiente Artigos Multimídia incentiva a argumentação, na medida em que oferece ao professor, através de texto ou imagens, situações em que é convidado a fazer comentário, a opinar, gerando um diálogo entre pares. No diálogo, cada participante tenta convencer aos demais sobre a legitimidade de suas teses referentes à prática educacional. O professor pode também sugerir temas para ponderação, entrar em um diálogo que já esteja acontecendo ou ainda ficar somente, observando a participação dos demais professores.

O ambiente construído no site baseou-se nos VídeoPapers Builder<sup>1</sup>, coordenado por Ricardo Nemirovsky e desenvolvido pela TERC - Technology and Educational Research Center – [www.terc.edu](http://www.terc.edu), empresa fundada em 1965, sem fins lucrativos e que está envolvida em diversas linhas de pesquisa dentre as quais o desenvolvimento profissional.

---

<sup>1</sup> Programa de computador educacional que permite a troca de informações, de textos, imagens e vídeos propiciando a interação entre professores e alunos, visando a aprendizagem.

O ambiente Artigos Multimídia foi construído por uma equipe de mestrandos do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estácio de Sá. Ele foi pensado de modo a possibilitar a troca e a colaboração entre pares. Os diferentes recursos disponíveis podem contribuir para a autonomia do professor que convive no ambiente, através das reflexões sobre a prática educacional na relação com os outros participantes.

O site tem uma interface amigável, de maneira que permite o professor navegar no ambiente sem encontrar dificuldades. Para que não ocorram dúvidas sobre a navegação, o ambiente tem uma opção que permite ao professor conhecer os caminhos oferecidos para escolher as opções que deseja. Também são apresentadas ao professor orientações de como ele deve proceder para colaborar com artigos, textos e vídeos.

O ambiente agrega recursos multimidiáticos, tais como: vídeos, desenhos, artigos, textos e fórum, que permitem ao professor explorar novos conhecimentos. A partir do seu ponto de vista, pode contribuir publicando no site suas teses, que por sua vez poderá gerar um novo texto que será lido por outro participante e que origina novo acordo, com a participação de outros professores. Dessa forma, é possível verificar o jogo argumentativo que se instala, quais são os acordos sobre os quais fundamenta sua prática, até que ponto o argumento utilizado por um professor é suficiente para interferir diretamente nas crenças de outro, se consegue adesão ou não de outros professores.

O objetivo deste estudo foi investigar processos argumentativos versando sobre a prática educacional num site produzido para o desenvolvimento profissional do professor de ensino médio. O estudo norteou-se pelas seguintes questões:

Quais as opções oferecidas pelo site têm adesão dos professores e como é utilizada?

Que fatores determinam o retorno do professor ao ambiente na defesa do seu argumento?

Que concepções sobre a prática educacional tornam-se referência para as argumentações no interior do ambiente?

Que fatores estão associados aos momentos em que o professor adere ao argumento do outro, reconsiderando seu ponto de vista?

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram articulados os conceitos de desenvolvimento profissional, autonomia e argumentação.

Para a investigação, foram selecionados professores voluntários para acessar o site, com o intuito de avaliar, assistir e analisar os materiais disponíveis, discutir sobre as práticas educativas apresentadas e opinar a respeito dos conteúdos. Os professores voluntários pertencem à rede particular de ensino, lecionam no Colégio Bezerra de Araújo (CBA). Todos os professores ministram aulas no ensino médio e têm acesso a Internet. No entanto, o site está disponível na *web* para qualquer participante que deseje contribuir. Eventuais participações além dos professores foram também consideradas.

A criação do site possibilitou o acesso a informações, ao diálogo e à troca de experiência que leva à construção do conhecimento compartilhado. Pensando nessa possibilidade, entende-se a argumentação no ambiente como mecanismo de troca de experiências e fortalecimento do desenvolvimento profissional autônomo.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo foi dedicado a desenvolver a problemática e a esclarecer os objetivos da investigação, bem como a evidenciar sua contribuição para a área.

O segundo capítulo é dedicado à apresentação do referencial teórico-metodológico que fundamentou este trabalho, articulando os conceitos de desenvolvimento profissional, formação inicial, formação continuada, autonomia e argumentação.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia aplicada, o Modelo da Estratégia Argumentativa (MEA) utilizado no decorrer da investigação, o ambiente Artigos Multimídia bem como a caracterização dos sujeitos participantes, como se deram a seleção dos mesmos, as dificuldades encontradas, as etapas desenvolvidas e as ferramentas utilizadas no decorrer da pesquisa.

Ao final, no capítulo quatro, são apresentados os esquemas que permitiram interpretar os argumentos defendidos por alguns professores e as análises feitas sobre o material recolhido bem como a discussão dos resultados obtidos e as conclusões.

## CAPÍTULO II

### 2.1 Desenvolvimento profissional

O professor já não é mais visto como mero receptor e executor das teorias pedagógicas. Falar em desenvolvimento profissional do professor implica destacar a importância do sujeito como fonte de saber. Segundo Schön (1983, p.23), o profissional não é apenas um mero executor de conhecimentos produzidos por outros, nem a sua atividade se reduz apenas a uma “resolução instrumental de problemas pela aplicação de teorias e técnicas científicas”. Os professores desenvolvem vários conhecimentos no exercício da sua prática docente, que geralmente se baseia na sua atuação em experiências anteriores.

Nesta pesquisa, foi importante discutir as diferenças entre desenvolvimento profissional, formação inicial e formação continuada para a caracterização do ambiente em que a pesquisa foi realizada.

A formação inicial visa preparar o futuro profissional através de curso devidamente localizado em uma determinada área de conhecimento. Ao aprendiz cabe assimilar conhecimentos e informações que são transmitidos por professores de forma modular baseados nas teorias reconhecidas na área. “A formação tende a ser vista de modo compartimentado por assuntos ou por disciplinas” (PONTE, 1998 p.2). As disciplinas dadas na formação inicial de professores seguem uma lógica curricular, deixando de fora a realidade na qual o formando está inserido e o formador tem somente a preocupação de fornecer modelos teóricos, de um modo geral, em um ambiente pouco propício à crítica. Muitos autores já ressaltaram a necessidade de os projetos de formação assumirem uma nova postura, isto é, “deixarem de lado a visão apenas teórica ou exclusivamente prática, ou ainda que a formação docente deve ser centrada na articulação entre teoria e prática” (PERES, 2005, p.1).

Com isso a concepção de formação inicial acaba por produzir a idéia de uma formação profissional incompleta. Peres (2005) adverte ainda que as competências profissionais não são adquiridas durante a formação inicial e sim a partir das práticas e em interação com alguma investigação, que ganha significado em projetos de auto-formação em diversas situações. Sendo assim, a formação deveria promover projetos e práticas ao longo da vida, gerando mudanças e reconstruções pedagógicas.

Para Ponte (2003, p.2), o desenvolvimento profissional do professor corresponde a um processo de crescimento, de autocontrole da atividade de professor enquanto elemento participante da organização escolar. Isto significa que o desenvolvimento profissional renova e amplia os conhecimentos do professor seja na prática escolar como também em aspectos pessoais. Ponte analisa as formas pelas quais os professores buscam seu crescimento, aperfeiçoamento e atualização profissional.

Dizer que os professores devem assumir-se como os principais protagonistas do seu processo de formação e desenvolvimento profissional é dizer que eles assumem iniciativas, desenvolvem os seus projectos, avaliam o seu trabalho, ligam a prática com a teoria. (PONTE, 1998, p.13)

O desenvolvimento profissional do professor promove a reflexão crítica e coloca o docente em constante processo de transformação da sua prática. As práticas profissionais não se limitam à sala de aula, incluem as posturas e atitudes do professor em relação a sua formação e desenvolvimento. “Os professores se organizam e desenvolvem sua profissionalidade na medida em que compartilham e discutem problemas e acham soluções para o trabalho” (CONTRERAS, 2002, p.79).

Podemos, então, destacar características diferentes entre formação inicial e desenvolvimento profissional. Segundo Ponte (1998, p.2), “a formação tem como base a teoria e freqüentemente não sai dela” e destaca ainda que na formação inicial o professor/formador centraliza as informações, os conteúdos são fragmentados e não são inter-

relacionados. Já o desenvolvimento profissional, conforme Moura (2000, p.4) o saber do professor não fica limitado somente na aplicação de um determinado conjunto de regras que foram adquiridas no exercício da ação mecanicamente, “Ao mesmo tempo em que age, o profissional reflecte-se na acção. Trata-se de um processo de reflexão intrinsecamente ligado com a situação vivenciada pelo sujeito”. Assim, podemos relacionar o desenvolvimento profissional ao crescimento cognitivo do indivíduo que utiliza sua experiência, práticas anteriores em ação de aprendizagem, a partir de troca entre pares. O desenvolvimento profissional “compreende necessariamente algum tipo de aprendizagem e conseqüentemente mudança” (PONTE, 2003, p.4). Sendo assim, o desenvolvimento profissional do professor é construído através de sua prática, de trocas com outros professores e da reconstrução permanente do seu aprendizado ao longo de toda a vida.

A formação continuada, de acordo com Menezes (2005, p.1), é resultado de uma compreensão de que os conhecimentos e competências adquiridas pelos professores na formação inicial, durante a sua prática, foram insuficientes para o exercício da carreira. Ponte (1998) afirma que a formação continuada baseia-se em ações de reciclagem e aprofundamento de um determinado tema e que a expressão formação continuada leva a entender o profissional como não estando apto a tomar decisões, precisando buscar mais formação, para além da sua formação inicial. Neste sentido, podemos associar essa busca a uma carência profissional, isto é, este profissional está sempre buscando algo que falta a sua formação. Concebida assim, a formação continuada é suprimimento para a formação inicial. Embora esta não seja a única visão de formação continuada, é a que tem sido mais frequentemente praticada nos diferentes espaços educacionais.

O desenvolvimento profissional é concebido como um processo que ocorre durante toda a vida profissional dos professores, onde se trocam experiências do ambiente escolar e extra-escolar. Ponte (2003, p.8) acredita que:

O professor aprenderá quer nos locais formais nos quais ouve, lê e discute idéias a cerca da prática de ensino e das suas raízes teóricas, quer a partir da sua própria experiência, devidamente considerada e refletida, quer a partir da experiência de outros, através de trocas de experiência.

Professores que buscam seu desenvolvimento profissional compartilham e questionam suas suposições sobre a prática de ensino, sua compreensão dos conteúdos e a relação entre o seu trabalho e a prática instrucional.

Visto deste modo, as diferenças entre formação continuada e desenvolvimento profissional podem ser destacadas do seguinte modo: a formação continuada segue uma lógica escolar, isto é, o conteúdo acadêmico gira em torno dos padrões curriculares enquanto no desenvolvimento profissional são fornecidas várias oportunidades e formas de troca entre pares das experiências nas práticas de ensino entre os professores, tais como, leituras, fórum, debates, reflexões e cursos. Na formação continuada o professor recebe um programa de conhecimento construído previamente por um outro profissional e no desenvolvimento profissional o professor o constrói de acordo com as experiências vividas. A formação continuada é construída em razão de uma carência do professor em determinada área de conhecimento enquanto no desenvolvimento profissional o professor é sujeito da ação, isto é, a partir da experiência teórica e prática dele é que ocorrem as mudanças no desenvolvimento da docência.

Neste estudo, entendemos que o desenvolvimento profissional ultrapassa os conceitos de treinamento e formação e que, para ocorrer o desenvolvimento profissional, o professor deve ser o sujeito ativo do processo que lança um olhar para a sua prática passada, presente e



futura, estando aberto a críticas e mudanças em torno do seu processo de aprendizagem e prática docente.

O uso da tecnologia para o desenvolvimento profissional do professor é uma alternativa relativamente nova e pode auxiliar os professores a se inteirarem de práticas docentes atuais que estão sendo utilizadas por outros professores criando um mote para seu desenvolvimento, facilitando a reflexão sobre as dificuldades existentes na sua prática educacional.

Pensando em uma alternativa nova e uma ferramenta para auxiliar o desenvolvimento profissional do professor, criamos o ambiente Artigos Multimídia que ajuda os professores a encontrarem novas formas de interagir com seus pares.

## **2.2 Autonomia no Desenvolvimento Profissional**

Não podemos esperar respostas mágicas ou receitas para os problemas diários, aceitando calmamente a inevitabilidade da crise na educação escolar. É difícil dar respostas às várias tarefas que os professores são confrontados no seu dia a dia. O desenvolvimento profissional é de fundamental importância para a melhoria das práticas educativas, mas estão em jogo também culturas organizacionais e pedagógicas que os sustentam, além do desafio social, político e ético que envolve esse processo. É na relação entre o trabalho e o desenvolvimento profissional que os professores devem encontrar alternativas para os problemas da prática educativa. Por isso, qualquer proposta de desenvolvimento profissional deve promover a autonomia dos docentes, construída além da visão técnica e prática, assumindo assim o modelo crítico para a reestruturação do profissional.

A identidade profissional inicia-se na formação inicial e vai adquirindo novos significados por todo o tempo em que o professor esteja exercendo sua profissão. Porém na

maioria das vezes predominam fatores negativos ligados a essa formação que não se modificam devido, entre outros motivos, à falta de diálogo entre professores, o que possibilitaria a reflexão sobre a ação, permitindo que deixassem o papel de meros executores curriculares para assumirem o papel do sujeito ativo que define e constrói a sua prática, modificando, construindo, reconstruindo ou desenvolvendo novos caminhos para atingir as metas desejadas.

Diferentes autores contribuem para a conceituação do termo autonomia e sobre os processos que levam a ela, ressaltando diferentes aspectos. Para Giroux (1990, p.199), aprender criticamente, contribui para o desenvolvimento da autonomia. A autonomia não diz respeito apenas aos processos de se apropriar do conhecimento, mas também à troca do indivíduo com o meio. O professor autônomo questiona as situações vividas e o posicionamento que deve ter diante delas, sendo, neste momento, um profissional crítico, que busca as causas e os efeitos dos acontecimentos.

O ensino é um trabalho que requer reflexão autônoma e elaboração de pensamento próprio, por meio dos quais os docentes se desenvolvem como intelectuais, comprometidos com a criação de possibilidades educativas no ensino e críticos às instituições que encontram no desenvolvimento de seu trabalho.

Contreras (2002) acrescenta ao pensamento de Giroux que os professores são agentes autônomos, guiados por um compromisso crítico na análise e transformação de suas práticas educativas. Para ele, a autonomia não é uma capacidade individual que depende apenas de mecanismos inerentes a pessoa, ela se constrói no processo, nas situações sociais a partir das quais as pessoas se conduzem.

Ao tratar a questão da autonomia, Piaget (1994) destaca que as práticas sociais baseadas na cooperação são indispensáveis para a construção da autonomia, assim a constituição da autonomia ocorre na interação com o outro.

A autonomia do professor fomenta o aprofundamento da consciência e a necessidade de desenvolvimento profissional. A reflexão crítica permite aos professores avançarem no processo de transformação da prática educativa, mediante sua própria transformação e isso requer a tomada de consciência social e profissional.

Paulo Freire (1996, p.32) afirma que não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Para ele, isto significa que o professor deve inserir-se num ambiente de busca e troca, isto é, deve valorizar o processo do seu desenvolvimento profissional construindo assim saberes inerentes à sua prática.

A autonomia é pensada como emancipação por Demo (2003, 1999) e Santos (2002, 1999), ela só existe enquanto atende à coletividade. Demo ressalta que (2003) a emancipação é processo histórico de conquista e exercício da qualidade de indivíduo consciente e produtivo. Trata-se do desenvolvimento do indivíduo capaz de definir e de ocupar espaço próprio. Nogaró (2000, p.8) também afirma que a relação com o outro permite ver e se sentir capaz de exercícios de liberdade e que, com isso o indivíduo desperta para a consciência da autonomia. Sendo assim, é possível relacionar autonomia e desenvolvimento profissional do professor, construído a partir de idéias e diálogos.

A autonomia leva à participação que por sua vez conduz ao desenvolvimento profissional do professor. A autonomia não é, portanto, conquista pronta, mas ação constante que visualiza a novidade, o algo mais, isto é, o crescimento enquanto sujeito. Ou seja, o desenvolvimento profissional do professor ancora-se no desenvolvimento da autonomia. A autonomia do sujeito e a regulação de suas ações constroem-se sobre interações produzidas em condições sociais.

Nessa perspectiva, a autonomia é vista como um processo de emancipação que é percebido como um processo coletivo que visa a transformação das condições institucionais e sociais no ensino (CONTRERAS, 2002).

O desenvolvimento profissional do professor visa aprimorar o conhecimento, a capacidade de decidir, de processar e selecionar informações, a criatividade e a iniciativa. Porém, para utilizar esses elementos, o indivíduo tem que ser capaz de desenvolver a autonomia. Para Castoriádis (1982, p. 130) a autonomia do indivíduo supõe a capacidade de uma atividade refletida própria, e não de uma atividade que foi pensada por outro sem a sua participação.

Espero que todos os envolvidos com o processo educativo reconheçam a importância da mesma, e estejam trabalhando para favorecer a autonomia individual e conseqüentemente coletiva, pois é assim que nos tornaremos conscientes e autores de nosso próprio envolver histórico.

Percebemos então, que não é possível traçar uma fronteira nítida entre autonomia e identidade profissional, pois a formação da identidade profissional ocorre nas interações, entre o professor, a comunidade, o contexto, os sujeitos que são os fins das ações autônomas. Ao tomar essa consciência o professor, se vê inserido no processo educacional e promove o seu desenvolvimento profissional devido à construção de relações pedagógicas em que a escola tem o seu valor, a comunidade é valorizada, todos identificados como sujeito do processo. Portanto, está na participação ativa do professor a realização da autonomia, e a possibilidade de desenvolvê-la em prol da comunidade. Castoriádis (1982) afirma também que, "na práxis, a autonomia é um fim, mas ao mesmo tempo é sempre um começo", ou ainda é um meio para alcançar ela própria. Significa dizer que a autonomia é alcançada através do exercício de atitudes autônomas. Sendo assim, existe uma relação entre o desenvolvimento da autonomia e o desejo do exercício da própria autonomia, são fatores que constituem dois momentos de um

mesmo processo. Castoriádis (1982, p.94) acrescenta ainda que “tudo pode ser recuperado, salvo uma coisa: nossa própria atividade, reflexiva, crítica, autônoma”.

Neste trabalho, adotamos uma visão de que a autonomia do professor é um processo que busca uma ação consciente e transformadora, no que diz respeito ao trabalho e também no processo de ensino e aprendizagem. Estudos recentes a respeito da autonomia do professor enfocam os aspectos sociais, preocupando-se com a ação transformadora do indivíduo, o que coloca a autonomia do professor como um processo de ação profissional transformadora das próprias condições de efetivação de seu trabalho (CONTRERAS, 2002).

A autonomia deve ser entendida nesse estudo como a capacidade do indivíduo de agir conscientemente para si e por si, procurando preservar suas necessidades e as dos outros numa relação de cooperação e reciprocidade. A autonomia do indivíduo só faz sentido se esta for desenvolvida com a coletividade, não há como conceber autonomia de um professor isolado.

Espaços novos de trocas entre os professores são fundamentais para a constituição da autonomia e do desenvolvimento profissional. A tecnologia digital possibilita a criação de novos espaços na constituição de redes cooperativas que visam disseminar informações. Há, portanto, uma grande necessidade de ampliar esses espaços na Internet. A Internet possibilita a comunicação de forma globalizada, com isso informações são produzidas e circulam com mais velocidade.

A partir dessa concepção sobre o desenvolvimento da autonomia, construímos o site artigos multimídia, para possibilitar ao professor, através de um ambiente o diálogo, a troca de experiências. Segundo Moura (2000, p.6),

as tecnologias de informação possibilitam o encurtamento das distâncias, facultando a divulgação de diferentes idéias e perspectivas. Neste sentido, elas se revelam um meio precioso para a reflexão crítica, abrindo a possibilidade ao professor de encontrar novas formas de ver o mundo, possibilitando a confrontação com as suas.

Sendo assim, a utilização do ambiente artigos multimídia pode se constituir em espaço para o desenvolvimento profissional do professor, contribuindo para a transformação da sua prática educativa.

### **2.3 Argumentação no Desenvolvimento Profissional**

A argumentação será tratada aqui segundo dois vieses: o primeiro que diz respeito à sua ocorrência em situações em que sujeitos discutem a prática docente em um ambiente proposto para o desenvolvimento profissional e, um segundo, relativo à possibilidade de compreensão do discurso sobre a prática docente através da análise dos processos argumentativos em seu interior.

O professor quando desenvolve ações educativas de sucesso na sua prática profissional tende a reproduzi-las e a produzir reflexões sobre elas, integrando-as em um conjunto de crenças sobre sua prática docente. Em situações de troca de experiência com seus pares, poderá testar suas hipóteses, buscando convencer os outros docentes da validade de sua tese ou a levá-los a uma ação coerente com a tese apresentada. A argumentação está presente sempre que há troca de conhecimento e a defesa de opiniões.

A importância despertada pela tese apresentada poderá gerar o interesse de outro professor a respeito do assunto, causando discussões, quando há controvérsia, ou acordo, quando há pontos comuns. As discussões contribuem para o desenvolvimento profissional do professor, visto que tal desenvolvimento ocorre a partir de trocas em diversos ambientes. Professores constroem concepções a respeito de determinado assunto na interação com outros.

As práticas docentes discutidas conjuntamente podem contribuir para o desenvolvimento profissional do professor, na medida em que possam modificar pontos de vista, incentivando-o a experimentar e a refletir sobre as concepções de outros colegas,

permitindo uma abordagem que remeta a situações vividas por outros professores, possibilitando e ampliando as perspectivas de novas ações pedagógicas. Lembrando a afirmação de Ponte (1998):

O desenvolvimento profissional diz assim respeito aos aspectos ligados a didáctica, mas também a acção educativa mais geral, aos aspectos pessoais e relacionais e de interacção com os outros professores.

A argumentação presente no diálogo entre os professores contribui para a troca de experiência e reflexão, cabendo ao professor escolher os projetos que deseja se envolver e desenvolver, dando atenção especial as suas potencialidades de acordo com a sua prática pedagógica. O desenvolvimento de novos projetos contribuem para o desenvolvimento profissional do professor de acordo com as novas perspectivas de construção de diferentes diretrizes que ampliam o trabalho do professor como sujeito ativo do processo de ensino-aprendizagem. Em síntese, a ampliação de novos caminhos potencializa o desenvolvimento profissional do professor devido a novos acordos que emergem a partir do diálogo, através de processos argumentativos desenvolvidos pelos professores.

Conforme Saussure (1977), a função fundamental da língua é a comunicação. Porém, comunicar não significa simplesmente enviar uma mensagem e fazer com que o ouvinte a receba e a compreenda. Podemos dizer que a linguagem não serve apenas para transmitir idéias e informações. Frequentemente, tomamos a palavra para impressionar o ouvinte ou para fazer dele um aliado, fazer com que aceite o nosso ponto de vista e não apenas compreenda o que dizemos. A fala está impregnada de todos estes motivos, isto é, o sentido do que dizemos é função de aspectos diversos e esta diversidade determina ambigüidades. Além disso, o sentido do que é dito depende também de normas de conduta que determinam o que é ou não conveniente em cada situação. Numa situação em que indivíduos desenvolvem processos argumentativos, todos estes mecanismos estão em jogo e, por essa razão, a análise

desses processos deve levar em conta diferentes atividades e contextos em que a argumentação se produz.

Pêcheux (1975) adverte que não existe discurso sem sujeito e não existe sujeito sem ideologia: a fala está imersa nas práticas sociais e o sentido do que é dito é função de uma complexidade de fatores contextuais e ideológicos. Nesse sentido, a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, é um instrumento de ação utilizado pelo orador para convencer, persuadir, aceitar, e a mudar de opinião ou levar a uma determinada ação. Conforme Orlandi (2003), o discurso é o lugar onde podemos observar essa relação entre linguagem e ideologia e compreender como emergem os sentidos das falas dos sujeitos.

Argumentar é expor um conjunto de razões encadeadas que justifiquem uma tese, de tal de forma que o interlocutor não apenas possa acompanhar o raciocínio do orador, mas também possa ser convencido da posição que está sendo defendida. Toda argumentação implica no envolvimento do orador com determinada tese, é também fundamental que o discurso do orador seja plausível e persuasivo despertando o interesse no auditório pela tese apresentada. Um auditório não fica restrito somente aos ouvintes interpelados pelo orador fisicamente em um determinado espaço definido. Ele é idealizado pelo orador quando organiza sua argumentação, ou seja, pelo grupo de indivíduos que pretende persuadir através do seu discurso. Segundo Perelman (1996), o auditório é caracterizado pelos indivíduos a quem o orador pretende influenciar.

A argumentação possibilita a análise dos pontos de vista que surgem quando há trocas de conhecimentos versando sobre as práticas sociais. No entanto, a argumentação só se faz presente em situações onde há confronto e controvérsia que possibilitem respostas distintas.

Castro (1997, p.73) afirma que:

Uma relação dialógica supõe que os interlocutores compartilhem conhecimento, representações, atitudes, percepções, enfim, hábitos de



pensamento. Para que um locutor assegure a persuasão por seus argumentos, deve haver entre o auditório e ele a possibilidade de interpretações comuns.

As ações de ensino-aprendizagem desenvolvidas entre professor e aluno e entre professores têm como característica o diálogo. O diálogo exprime pensamentos, sentimentos e comportamentos em múltiplas circunstâncias. Sendo assim, durante a prática docente o professor busca, de acordo com a situação vivida com o aluno, despertar o interesse do mesmo sobre determinado assunto, visando a construção ou reconstrução do conhecimento a partir do diálogo.

A argumentação faz parte do diálogo entre as pessoas no dia-a-dia, suas falas não emitem apenas informação, possuem outras intenções, dentre elas a de convencer, conquistar o interlocutor, convencê-lo de suas qualidades (inteligência, coerência, capacidade de organização etc.), visa inclusive a uma apreciação afetiva, em grande parte dos casos, o locutor quer que o interlocutor goste dele. (OLIVEIRA, MAZZOTTI, 2000, p. 52).

Na argumentação, buscamos premissas que visam influenciar o auditório para que este avalie o argumento e, de acordo com as suas convicções, leve em conta um determinado aspecto do discurso causando adesão à tese proposta. Sendo assim, não podemos esquecer que para obter sucesso com a argumentação, é necessário que o orador leve em consideração o contexto no qual o interlocutor está inserido. Uma argumentação não produz o efeito desejado sobre um auditório se há desconhecimento do assunto. Conforme Perelman (1999), a argumentação apresenta uma conclusão que pode ser aceita ou não de acordo com as múltiplas interpretações e subjetividade de quem argumenta e do contexto onde ocorre.

De acordo com Coutinho (2006, p.46), quando analisou situações de diálogo sobre a prática docente, olhar como se desenvolvem processos argumentativos é uma, dentre outras, formas possíveis de se caracterizar essas situações.

Trata-se de caracterizar a argumentação que ocorre quando alguém se propõe a falar do que faz no seu ambiente de trabalho, no caso dos professores, ou do seu ambiente de aprendizagem, no caso dos alunos e também dos professores, levando em conta o trabalho docente na universidade. Nessas situações, os

sujeitos estarão fazendo a defesa de pontos de vista, portanto, serão situações que lidam com o preferível, não se está no terreno de certezas. Trata-se do terreno de escolhas: o porquê de uma determinada prática em detrimento de outra. Aqui, o interesse com a argumentação é na descrição de como a ela entra em cena no discurso sobre a prática.

O campo desta investigação pode ser caracterizado como situações de troca entre professores que defendem pontos de vista, antecipando possíveis controvérsias às suas crenças. O material coletado foi organizado levando em conta seu poder argumentativo.

Consideramos que os argumentos expostos por professores no ambiente Artigos multimídia expressam concepções que indicam suas crenças sobre a prática docente. Dessa forma, através dos processos argumentativos implementados no ambiente, pretende-se observar a defesa dessas crenças. O participante do ambiente, na defesa de seus pontos de vista, expressa sua concepção de prática docente e, dessa forma, fornece indicadores de uma visão da própria, fruto do delineamento de projetos relacionados ao seu modo de ser, viver e aprender.

## CAPITULO III

### 3.1 Artigos Multimídia

Durante as últimas décadas o mundo passou por profundas transformações, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico, que abriu novas perspectivas na vida cotidiana, alterando a forma como vemos e vivemos a realidade. O desenvolvimento tecnológico encurtou as distâncias existentes entre as pessoas permitindo assim um contato maior com diferentes idéias e formas de ver o mundo. Nesse sentido, a tecnologia é um meio precioso para o desenvolvimento do pensamento crítico, abrindo possibilidades ao professor de encontrar novas formas de aprendizagem e desenvolvimento profissional.

O acesso e a utilização da tecnologia podem servir ao desenvolvimento profissional do professor, por exemplo, na administração do tempo, visto que este é um fator que compromete o processo. O tempo é uma categoria que, na situação de aprendizagem utilizando a internet, adquire dimensões particulares. O professor administra o seu tempo de acordo com a sua agenda, além de determinar o tempo necessário para desenvolver suas atividades. O diálogo aberto pela internet traz implicações consideráveis, permite que os professores utilizem um espaço para refletir sobre seu trabalho, a partir da expressão individualizada do pensamento para o coletivo, discutindo, revendo e transformando as suas práticas educativas e de outros professores.

Por esse motivo, foi construído um site na internet <[www.artigosmultimedia.pro.br](http://www.artigosmultimedia.pro.br)>, um espaço de troca de informações que contribuam para o processo de aprendizagem e, conseqüentemente, para o desenvolvimento profissional de professores. Segundo Moura (2000, p.6), “as tecnologias de informação (...) promovem a reflexão crítica, abrindo a

possibilidade ao professor de encontrar novas formas de ver o mundo, possibilitando a confrontação com as suas”.

O ambiente do site construído pelos alunos do Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá baseou-se nos VídeoPapersBuilder, desenvolvido pela TERC, em cooperação com seu coordenador Ricardo Nemirovsky e com Janete Bolite Frant do Grupo 3 do Mestrado em Educação Matemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Os três grupos de pesquisa desenvolvem pesquisas similares em parceria.

A TERC <[www.terc.edu](http://www.terc.edu)> tem como objetivo a qualidade de ensino - envolvendo em 2002, aproximadamente 2 milhões de estudantes em 50 estados americanos e 87 países – e desenvolve pesquisas na educação visando investigar as formas como os alunos participantes aprendem a partir de experiências entre os estudantes. Uma das linhas de pesquisas da TERC é o desenvolvimento profissional por acreditar que as mudanças propostas pelos professores referentes à aprendizagem podem se tornar realidade.

O site apresenta recursos multimidiáticos, como: vídeos, desenhos, artigos, textos e fórum. Ao acessar o site o professor visualiza na página inicial as opções existentes: interatividade, argumentação, avaliação, desenvolvimento profissional, disciplina ou investigação. O professor opta por um tema de interesse e abre uma nova página dando duas opções de participação, vídeo ou texto.

A opção de vídeo tem os seguintes *links*: disciplina, interatividade, argumentação, avaliação e investigação. O professor observa no vídeo uma situação real vivida em sala de aula e faz comentários, no final da página escolhida, sobre a estratégia de ensino, didática, comportamento do professor e alunos ou o que julga conveniente.

A opção texto proporciona ao professor o acesso a textos, artigos e imagens estáticas referentes ao atual cotidiano educacional: disciplina, argumentação ou interatividade. Após a

leitura ou análise da imagem ou texto, o professor faz comentários sobre o conteúdo apresentado, no final da mesma página registrando sua opinião.

O professor ao fazer um comentário referente a um vídeo, texto ou imagem, envia uma confirmação a respeito da sua opinião, ficando registrada a participação em um banco de dados, na primeira vez em que acessa o site. A função do banco de dados é realizar o cadastro do nome e endereço eletrônico do professor e registrar as contribuições dos participantes. Ao assistir, ver ou ler a opção desejada o professor poderá também ler as contribuições de outros professores através dos comentários que foram feitos anteriormente e decide se deseja ou não fazer um comentário, ressaltando uma informação que ainda não foi dada, ou discordando ou apoiando os comentários que existem no ambiente.

O ambiente proporciona um espaço para a reflexão e cooperação na busca do desenvolvimento profissional do professor e fornece dados para pesquisa. Calvo (2006, p.28) afirma: “os Artigos Multimídia são uma nova ferramenta que auxilia as comunidades acadêmicas a encontrarem novas formas de visualizar, criar e utilizar suas pesquisas”.

Através da construção de novas relações, o professor pode observar, analisar e modificar sua prática educativa, a partir de discussão feita no ambiente, aperfeiçoando sua prática docente. A utilização do site de forma ativa e constante impulsiona o desenvolvimento profissional, justamente pelo seu caráter flexível, no sentido das trocas serem imediatas.

### **3.2 Sujeitos e procedimentos**

A pesquisa teve início com a criação do site voltado para a investigação da utilização da Internet como um meio para o desenvolvimento profissional do professor, pelo grupo de pesquisa. No site, foram incluídos vídeos de aulas gravadas anteriormente no Colégio de Aplicação da Uerj, e textos com os seguintes temas: argumentação, disciplina, equações,

interatividade e planejamento. A idéia era de que aos lê-los ou assisti-los, os professores se sentissem estimulados a participar escrevendo no ambiente a sua opinião, concordando ou discordando do texto e dos depoimentos dados pelos outros participantes, podendo também levantar outras questões não observadas pelos participantes anteriores. Além disso, qualquer participante pode propor a publicação no site de textos ou imagens. Desta forma, acreditamos estimular o diálogo e a troca entre os professores participantes.

Durante três dias nos turnos manhã, tarde e noite, foram entrevistados 30 professores de uma escola da rede particular de ensino médio profissionalizante da área da saúde referente à utilização do computador, da Internet e da disponibilidade em participar da pesquisa. Os professores participantes têm idade entre 30 e 45 anos, são especialistas e trabalham na rede de ensino privada e publica. Dos participantes da pesquisa, 25% são do sexo masculino e 75% são do sexo feminino.

Devido à colaboração dos professores, o projeto da pesquisa foi apresentado nos diferentes turnos, e foi aplicado um questionário (em anexo) a fim de coletar dados sobre a sua prática docente em sala de aula. Até aquele momento, os professores empenhavam-se em participar do estudo e apresentavam disponibilidade de tempo.

Os professores que aceitaram participar da pesquisa ficaram incumbidos de acessar o site e, após escolher, acessar a opção em vídeo ou texto disponível sobre determinado assunto e expor sua opinião a respeito do material.

A intenção foi selecionar como sujeitos da pesquisa professores do Ensino Médio da rede particular, utilizando os seguintes critérios: acesso ao computador, facilidade e frequência na utilização. Entretanto, alguns problemas dificultaram de certa forma o andamento da seleção de sujeito. Entre eles, podemos citar o fato de que quando professores acessaram o site, escolheram a opção, não apareceu de imediato à opção desejada e sim outra.

Os participantes ficavam confusos achando que o ambiente não estava funcionando e desistiram apesar de quererem participar. Outros se sentiram desestimulados com a necessidade de preenchimento de um formulário de cadastro no primeiro acesso como condição para poderem participar.

Apesar de os professores conseguirem acessar *o site* e visualizar os vídeos ou os textos, ficou claro ser difícil estimular sua participação através da Internet. Pareceu-nos que esta não é ainda uma forma usual para eles de trocar opiniões e debater sobre a prática docente. Sentimos que tal fato poderia estar ocorrendo pela própria dificuldade que estes professores encontram para o acesso à informação por meio da Internet, o que pode ter sido dificultado também pelas próprias escolas em que trabalham, seja por falta do equipamento ou pela não disponibilização do tempo para o acesso.

Dando continuidade à pesquisa e considerando as dificuldades encontradas, enviamos e-mails explicando novamente o funcionamento, esclarecendo como entrar nas opções do ambiente e registrar a participação no site com sua opinião. Apesar dessa tentativa a participação continuava com a baixa frequência. Resolvemos então, realizar um encontro com o grupo na escola e esse momento serviu para um primeiro acesso ao site por todos os presentes.

Estiveram presentes apenas dez professoras e o encontro teve a duração de aproximadamente três horas. Neste encontro, foi solicitado aos professores presentes que lessem os textos e contribuíssem com comentários, aguardando a mensagem das outras para que se criasse um debate. Após esse encontro, esses mesmos professores continuaram acessando, porém com menor frequência. Foram registrados também acessos de outros professores, o que era previsto, uma vez que se trata de um site aberto a qualquer participação.

O material coletado foi obtido pelas contribuições feitas no site no período de Agosto de 2006 a Dezembro de 2006.

### **3.3 Instrumentos**

Para a elaboração do site, em um primeiro momento, toda a equipe de pesquisa reuniu-se para pensar em um meio de comunicação que possibilitasse a interação e o desenvolvimento profissional do professor. Após a avaliação e colaboração das equipes que trabalhavam em parceria, decidiu-se pela utilização da Internet como mais adequada para propiciar a comunicação e interação entre os professores. Assim, partimos para a construção de um *website* que permitiria a navegação em vídeos e textos publicados no ambiente, adaptado a partir da experiência do TERC. O site foi disponibilizado na internet para professores previamente selecionados que poderiam dialogar enviando comentários sobre os temas publicados no ambiente, utilizando o próprio site para enviar suas opiniões. Duas dissertações sobre a construção do site e sobre as interações por ele proporcionadas foram defendidas no programa da UNESA anteriormente a esta (*cf.* SANTOS, 2005; CALVO, 2006).

O ambiente do site buscava apresentar uma interface amigável para o professor, de maneira que ele pudesse navegar pelo mesmo sem encontrar dificuldades, objetivo que não foi totalmente alcançado inicialmente. Durante a participação do grupo, verificamos problemas no ambiente e dificuldades na utilização pelos professores. Um dos motivos foi à dificuldade do próprio site na execução do cadastro, fato já narrado em Santos (2005), apesar de quererem participar da pesquisa, muitos professores desanimaram, pois se sentiam desestimulados com a necessidade de preenchimento de um formulário de cadastro para poderem participar. Conforme Calvo (2006), houve também outros problemas de acesso:



quando acessavam o site, os professores não conseguiam enviar suas opiniões por problemas do próprio servidor onde está hospedado o site. O acesso era lento, o que desestimulava os professores a fazerem diversas contribuições. No ambiente do site, além de o professor contribuir com a sua opinião, a partir da leitura de textos e visualização dos vídeos, foram apresentadas orientações de procedimentos a serem adotados pelo professor que quisesse colaborar no site com material próprio enviando através do mesmo. Não houve, durante o período da pesquisa, nenhuma contribuição de professores com material próprio para inclusão no site. Modificações foram implementadas para resolver os problemas apontados durante o ano de 2006, inclusive no que diz respeito ao *menu*, pois para alguns temas não havia procura. Ainda assim, durante a coleta de dados, persistiram os problemas quanto ao cadastro e a lentidão do acesso, conforme já foi narrado.

Uma vez encerrado o período da coleta, preparamos o material para a análise. Nossa opção foi por utilizar o modelo da estratégia Argumentativa. A teoria da argumentação nos permite descrever como se organizam algumas produções de diálogos estabelecidos entre os sujeitos, do ponto de vista das estratégias engendradas pelos participantes.

O Modelo de Estratégia Argumentativa – MEA, desenvolvido por Frant e Castro (2001) foi utilizado para analisar nas intervenções os argumentos usados pelos professores na defesa de seus pontos de vista. O MEA baseia-se na Teoria da Argumentação de Perelman (1999), segundo a qual quem argumenta está dirigindo seu discurso a alguém com alguma intenção. Procura analisar a aderência do auditório a determinados argumentos e também busca compreender como os processos argumentativos são desenvolvidos.

Segundo Frant e Castro (2003, p.99) “produzir significado é afirmar, relacionar afirmativas, ou seja, falar sobre um objeto”. A análise de diálogos requer compreender o contexto da enunciação e avaliar como o discurso ocorre. A Estratégia Argumentativa

consiste na reconstrução dos argumentos de um discurso através de um esquema, no qual está presente a tese utilizada pelo orador. Após identificação e avaliação dos argumentos utilizados, as interpretações são feitas. Os mesmos argumentos podem ser analisados diferentemente de acordo com o ponto de vista adotado, pois devemos considerar que vários esquemas agem ao mesmo tempo sobre um locutor. Portanto, um mesmo argumento pode ser analisado por diferentes pontos de vista. O que normalmente determina as escolhas que devem ser feitas para a análise são os objetivos da pesquisa.

O uso do Modelo da Estratégia Argumentativa na análise dos discursos dos professores foi feita a partir das intervenções, identificando os argumentos utilizados por eles no site artigosmultimídia, com o intuito de focalizar a produção dos sentidos que expressam a prática docente. O material utilizado para análise foi escolhido entre as opções fornecidas pelo ambiente do site tendo como critério o tema com o maior número de intervenções.

A análise é feita no primeiro momento com diversas leituras do material fornecido pelos professores no site de modo a conhecer bem o seu teor. A seguir, buscam-se nos textos respostas às questões da pesquisa e as idéias centrais relacionadas, e estas são marcadas no texto. Posteriormente, buscamos argumentos no discurso dos participantes, organizando-os de modo que formem uma seqüência coerente. Analisam-se possíveis oposições destacadas pelos participantes e se verifica a pertinência da seqüência encontrada nos textos.

Montam-se esquemas e se faz uma primeira interpretação. Em seguida, buscam-se as evidências nas intervenções dos participantes para as interpretações do discurso. Finalizada essa etapa, cruzamos as interpretações entre si. Os vários esquemas são analisados na busca de similaridades e divergências. Buscamos explicações para as similaridades e divergências no texto, visando completar as lacunas implícitas. E por fim, fazemos a interpretação final dos discursos para compreender as concepções de prática educacional do grupo de participantes.

## CAPÍTULO IV

### 4. RESULTADOS

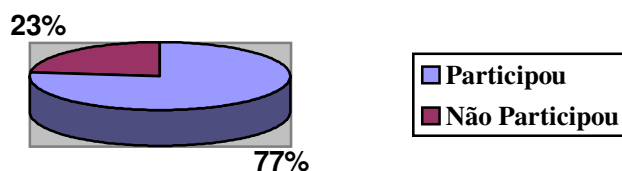
Este capítulo dedica-se a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa.

#### 4.1 Análise da participação no site

Os resultados analisados abaixo se referem ao questionário inicialmente aplicado aos professores que concordaram em participar da pesquisa. Na primeira parte da pesquisa foram convidados 30 professores para participarem da pesquisa.

##### 4.1.1 Participação na pesquisa

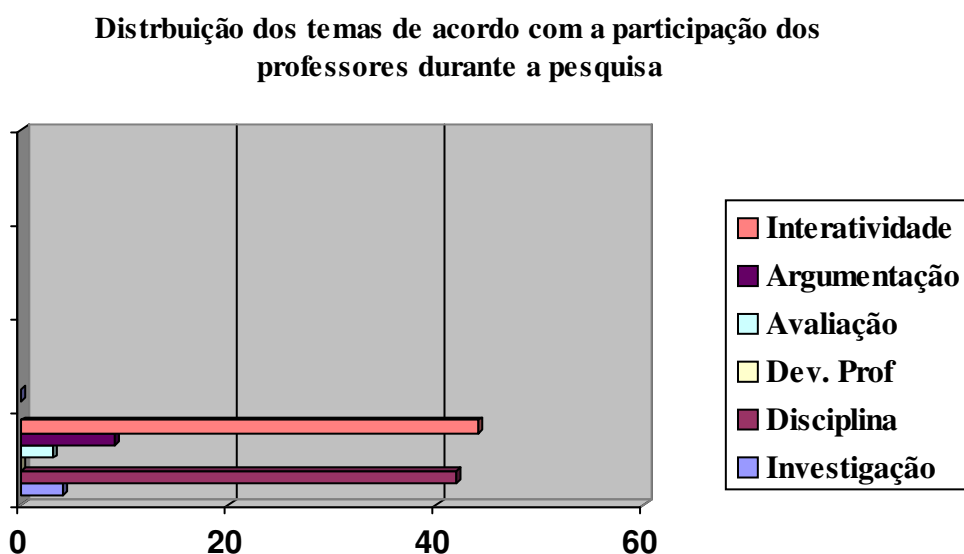
Participação dos professores durante a pesquisa



A maioria dos professores 27 (77%) demonstrou interesse em colaborar e participou, apenas sete professores (23%) não participaram. Este resultado revela uma disposição dos professores a buscar alternativas para debater sobre sua prática.

#### 4.1.2 - Intervenções feitas no ambiente

Para a análise, optamos por analisar os resultados dos *links* que tiveram maior procura de acordo com as participações e intervenções dos professores feitas no ambiente. Foram escolhidas as intervenções feitas em dois *links*: disciplina e interatividade.



Ao buscar razões para o resultado expressivo do número de intervenções para os dois temas, percebemos que estes estão diretamente relacionados à relação professor-aluno, ou seja, parece que a questão mais imediata das relações na sala de aula é o principal foco das preocupações desse grupo de professores. Outras hipóteses poderiam ser levantadas como, por exemplo, o fato de o termo interatividade estar na moda, o fato de os outros termos não incentivarem inicialmente a curiosidade dos participantes etc. Porém, há de se ressaltar que a escolha através de menus causa este tipo de comportamento, uma vez que a escolha é feita, inicialmente, apenas pelos próprios termos, não havendo maiores explicações para o que será encontrado em cada um deles.

## 4.2 – Análise estratégica das intervenções

As participações e intervenções feitas no ambiente proposto foram analisadas segundo o Modelo da Estratégia Argumentativa, pela qual se buscou os sentidos dos discursos dos professores participantes, assim como as similaridades e divergências. São apresentados o ambiente, com as formas de acesso disponibilizadas, e as tabelas, esquemas e gráficos relativos à análise estratégica dos dados, que permitiram a discussão dos resultados obtidos.

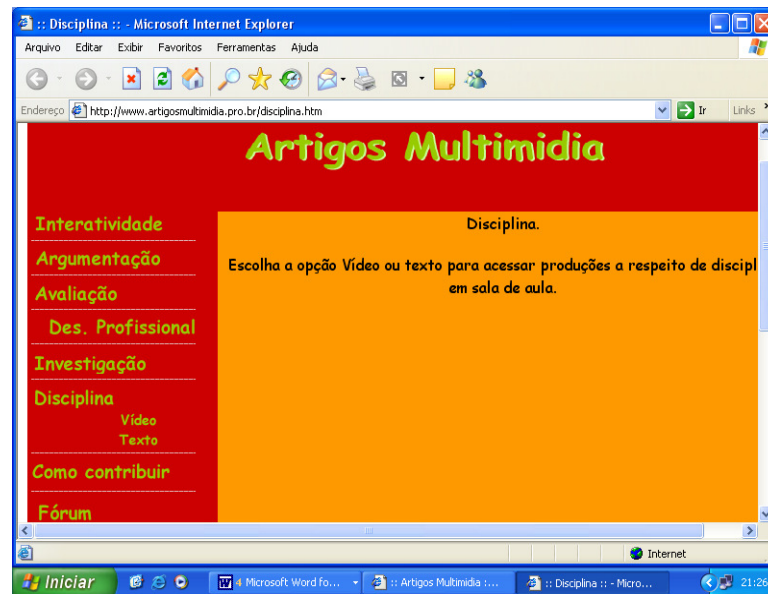
O professor participante ao acessar o ambiente, chega a uma tela que apresenta sete temas, entre eles disciplina.

Figura 1:



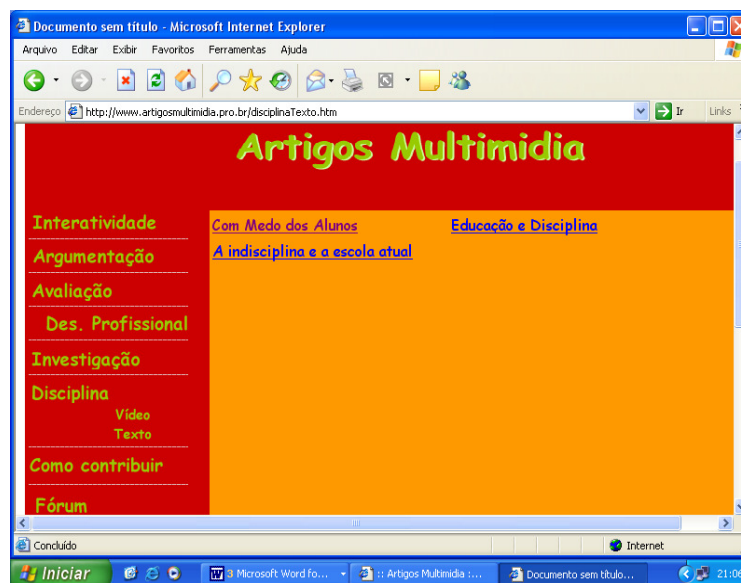
O tema disciplina é oferecido no *menu* com as duas opções, texto ou vídeo como mostra a figura.

Figura 2:



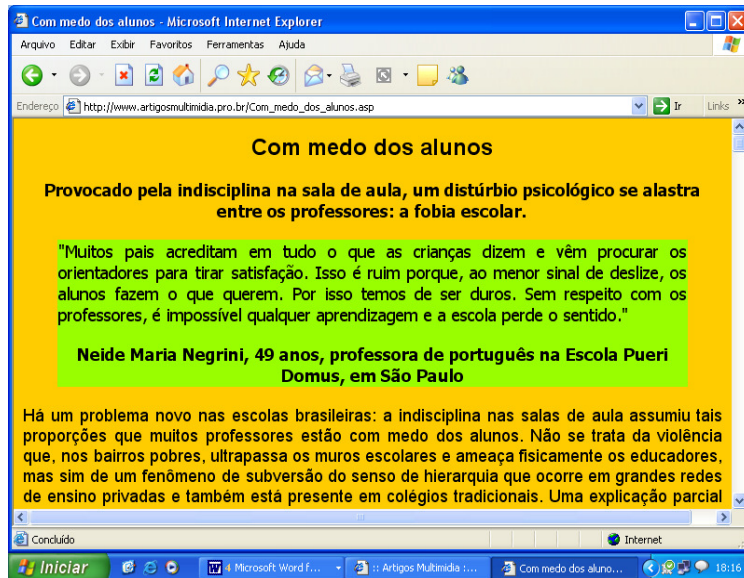
Na opção vídeo, são apresentados dois vídeos com imagens de professores ministrando aula reais no Colégio Aplicação da Uerj e na opção texto aparecem três textos a respeito do tema: “Com Medo dos Alunos”, “A indisciplina e a escola atual” e “Educação e Disciplina” como mostra a figura.

Figura 3:



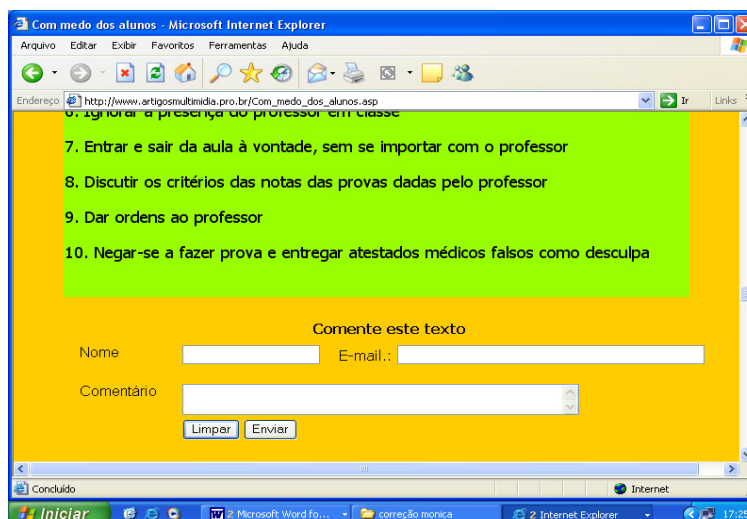
O professor marca a opção desejada e a seguir aparece o texto escolhido na íntegra, como mostra a figura.

Figura 4:



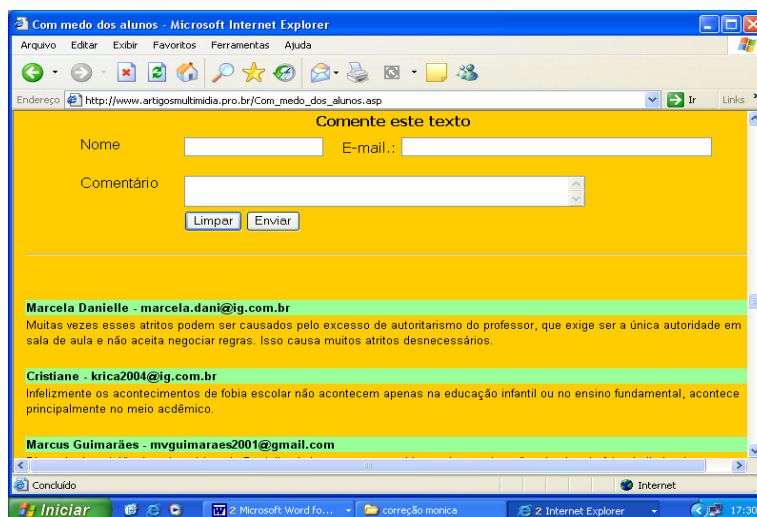
Após leitura, caso professor participante queira registrar sua opinião é aberta uma caixa onde pode escrever seu comentário, como mostra a figura a seguir.

Figura 5:



Na figura abaixo, pode-se ver os comentários feitos anteriormente por outros participantes, que ficam disponíveis para a leitura do atual professor participante, logo abaixo da caixa em que o mesmo esteja escrevendo seu comentário.

Figura 6:



Desse modo, o participante tem acesso a todas as intervenções feitas anteriormente, o que permite o diálogo entre todos os que entram em cada item do *menu*.

#### 4.2.1 Tema disciplina

Texto1: Com medo dos alunos

O texto apresenta relatos fornecidos em entrevista com professores que estão na ativa e com professores aposentados das redes de ensino público e privado a respeito da indisciplina dos alunos na sala de aula. Segundo o autor, a indisciplina dos alunos no ambiente escolar vem desencadeando um tipo de distúrbio psicológico de ansiedade nos professores denominado fobia escolar. Este relata que foi comprovado, através de estatísticas, o aumento nos registros de casos deste tipo de distúrbio em professores nos ambulatórios psiquiátricos dos hospitais brasileiros. De acordo com o texto, os professores relatam que a



indisciplina tem tido proporções maiores devido à ausência da família no controle dos alunos, à relação comercial desenvolvida entre escola e pais e à falta de apoio dos gestores escolares. Sendo assim o professor é submetido a várias pressões que levam ao desgaste físico e mental.

#### **4.2.1.1 Análise das intervenções sobre Disciplina / Texto / Com medo dos alunos**

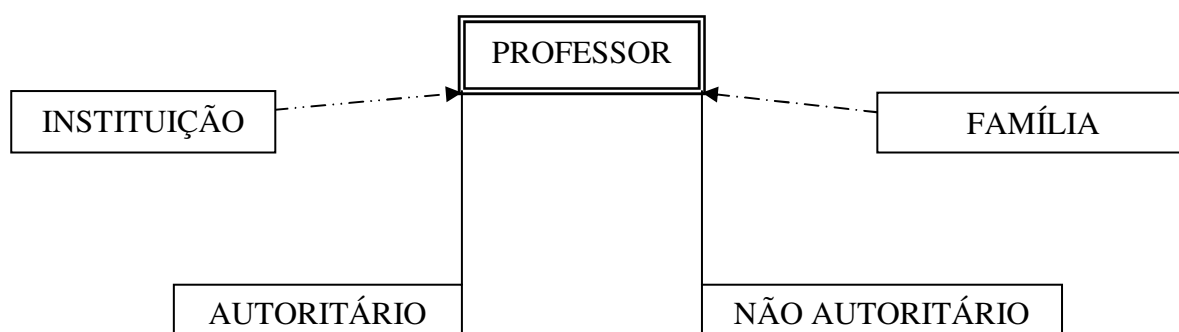
O nome dos professores participantes foi ocultado por razões de privacidade, são diferenciados por numeração sequenciada a partir da aparição de sua intervenção no tema.

A primeira das causas apontadas referente à indisciplina do aluno é feita por P1 e indica como responsável a postura e prática do autoritarismo utilizada pelos professores.

*P1: Muitas vezes esses atritos podem ser causados pelo excesso de autoritarismo do professor, que exige ser a única autoridade em sala de aula e não aceita negociar regras. Isso causa muitos atritos desnecessários.*

Nas intervenções seguintes, os professores vão mostrar-se contrários ao uso do autoritarismo e para evitar o conflito os participantes P5, P6, P12, P21 e P22 alegam que, em suas práticas, desenvolvem laços de confiança e amizade com alunos e turmas objetivando o respeito e admiração.

O sentido das intervenções feitas pelos participantes no site é apresentado pelo esquema montado abaixo. O professor é a figura central do debate sobre a disciplina, isto é, segundo alguns participantes, ele é causador da indisciplina do aluno quando tem uma prática considerada autoritária. Ao mesmo tempo, é pacificador quando negocia com os alunos as “regras do jogo” e demonstra segurança nas suas ações. O uso do autoritarismo é justificado pela falta de educação dos alunos que não a trazem de casa, ou pela ausência da ação da família, ou pela falta de apoio institucional, que fortalece o aluno indisciplinado devido ao tratamento dispensado a ele como cliente, gerando insatisfação no professor.



Deixam claro, que a negociação realizada pelo professor com os alunos evita a indisciplina. Apesar de contrários ao uso do autoritarismo, os participantes justificam a prática dos colegas devido ao descontrole da família na educação dos filhos e à falta de apoio institucional com os professores.

*P5: Eu não tenho esse problema em sala de aula por que no primeiro dia de aula esclareço as regras do jogo com diálogo e amizade, trato os alunos como amigos por esse motivo minhas aulas não apresentam indisciplina.*

*P6: O Professor tem a tarefa de ensinar ao aluno, a disciplina que lhe é afeta. As questões de indisciplina devem ser tratadas de acordo com a situação apresentada. Vale lembrar, que a moderna pedagogia, preconiza a importância da disciplina em sala de aula, como fator de facilitação para o aluno no seu aprendizado. O professor não precisa ser autoritário e sim ter postura profissional para poder dar o seu recado, sem problemas com o aluno.*

P6 se diz contrário ao autoritarismo, porém declara que sua postura pode mudar de acordo com a situação de indisciplina do aluno. Sendo assim, pode até ser autoritário e justifica sua fala com a menção a uma “pedagogia moderna” que preconizaria a disciplina como fator de aprendizado. Para P6, ter postura profissional significa saber lidar com a indisciplina.

P12 afirma nunca ter tido conflito com alunos e demonstra ser contrário ao autoritarismo quando diz que conversa e respeita os alunos para que eles tenham a mesma postura. Percebemos também que apesar de ser contrário ao autoritarismo, justifica uma mudança de postura futura, e apóia os professores que tomam essa atitude, quando diz que

qualquer um pode estar sujeito ao conflito. De acordo com P12, tanto professor, aluno e instituição são responsáveis pela indisciplina.

*P12: Tenho experiência no ensino superior e no ensino profissionalizante. Nunca tive nenhum conflito pessoal com um aluno ou coletivo com uma turma, mas sei que estamos sujeitos à isso. Entrar e sair de sala de aula à vontade é um problema que afeta a nossa salutar " vaidade acadêmica". No meio universitário é mais difícil de controlar, porque o aluno não percebe a autoridade do professor e/ou a importância da aula e, normalmente, sai mais cedo de sala (ou para trabalhar ou por medo de assaltos, em cursos noturnos).. Salas cheias, instalações deficientes etc. Nem todas as culpas são dos alunos.*

Aponta também certo descompromisso dos alunos como causador da indisciplina e explica que a estes falta a percepção da autoridade do professor e da importância da aula. Porém, diminui a culpa dos alunos quando aponta que a grande quantidade de alunos em sala de aula e instalações inadequadas podem ser causas da indisciplina.

P21 concorda que o professor pode acabar com a indisciplina conquistando seus alunos com o respeito. Faz questão de definir o que seja este respeito: “respeito é conquista”. Quando se refere ao produto desta conquista faz alusão a um ingrediente, a admiração, o que nos permite inferir que existam outros, que se trata de uma mistura com vários ingredientes, mas cujo principal seria a admiração dos alunos. “Seduzir e ser seduzido”, indicando um valor positivo à sedução na relação professor aluno, provavelmente se referindo à sedução pela pessoa que representa o saber. Aponta implicitamente que um dos causadores da indisciplina é o gestor da instituição que trata o aluno como cliente.

*P21: Tenho algum tempo como professor, ou seja: educador, vinte três anos atuando. Aprendi a me adequar às transformações pelas quais a escola e os instituídos vêm atravessando nesses últimos anos. ....Acredito porém que "respeito" é conquista que inevitavelmente acredito eu, que esteja relacionada com um ingrediente chamado admiração. Se no processo conseguimos seduzir e ser seduzido pelo que ainda resta de bom no processo e também nos atores desse processo. E no mais escola é escola como bem sabemos a que deve se prestar e aluno é aluno e não cliente. Isto tem que ficar muito claro!!!*

A menção ao aluno cliente é feita inicialmente por P3, embora não utilize o termo. Em sua intervenção faz alusão ao fato de o aluno justificar atos de indisciplina por pagar a escola, implicitamente, significaria que o aluno é quem provê o salário do professor.

A intervenção de P3 motivará a menção ao aluno cliente. Esta menção aparece com um significado que remete à comparação do aluno a um produto, um bem, um objeto, através do qual se faz comércio. A razão desta menção pode ser explicada por se tratar de professores de uma escola particular.

P22 estabelece uma relação direta entre a indisciplina e a educação familiar. A utilização do termo reflexo, o outro lado de um espelho, ratifica a interpretação de que os alunos reproduzem o que vivem em casa na sala de aula. Reclama o apoio dos pais e da escola: dos pais, em função da falta de educação em casa e, da escola, pelo tratamento de cliente dado aos alunos. P22 afirma serem os alunos “centro do processo de aprendizagem” estabelecendo grande distância entre escola e comércio, porém redefine o papel do professor como de “apenas” um orientador, este “apenas” servindo provavelmente para diminuir a quantidade de atribuições hoje conferida aos professores, pela ausência da família e da escola no processo de aprendizagem e cobrando do aluno responsabilidades, o “fazer sua parte”.

*P22: Acho que estas atitudes dos alunos são reflexo da própria educação familiar..... Como no futuro este indivíduo terá um chefe no seu emprego? Sei que é difícil controlar estes alunos, já que não se conta com o apoio dos pais e nem da direção das escolas que tratam estes alunos como clientes. Eles não são clientes, são sim o centro do processo de aprendizagem o que é muito diferente. Neste processo de aprendizagem o aluno é o principal. Mas acho que é pretensão o professor achar que ensina alguém. Ele apenas é um orientador neste processo e o aluno precisa querer aprender e fazer a sua parte assumindo suas responsabilidades. Respeito não se pede, ele é fruto de uma postura do docente e o aluno percebe isto.*

Afirma, do mesmo modo que P6, que o respeito sentido pelo aluno em relação ao professor é devido à postura utilizada pelo professor, sendo assim faz uma crítica implícita aos autoritários que acham ter controle da situação sendo o senhor da sala. Porém, concorda

que é difícil ter esse controle visto que os pais e dirigentes escolares tratam os alunos como clientes. Isto é, os alunos têm sempre razão.

A maioria dos depoimentos aponta implicitamente que a causa da indisciplina está na dificuldade de relacionamento entre professor–aluno, sendo assim, esse é o principal problema na prática escolar. Esta dificuldade de relacionamento apareceu associada à discordância ao autoritarismo praticado por professores, possivelmente, por ser a defesa do autoritarismo um discurso comum no ambiente em que trabalham. O professor autoritário justifica a sua prática culpando o aluno e responsabilizando os pais / família pela falta de educação e limite dos alunos, isto é, a família é diretamente responsabilizada pelos problemas apresentados no processo de aprendizagem. A família delega à escola e ao professor a atribuição e responsabilidade de educar seus filhos que deveriam ter essa educação a partir de casa com os pais. Percebemos nas intervenções que os professores não querem e não aceitam assumir as responsabilidades da família visto que, já cumprem seu papel de educador na escola. Será que os professores devem realmente desempenhar seu papel de educador somente dentro dos muros da escola?

O debate sobre disciplina apresenta uma grande controvérsia que gira em torno, como já foi visto, do autoritarismo ou não do professor. Analisamos, acima, as intervenções que rejeitam esse autoritarismo. Segue-se abaixo a análise das posições que o defendem.

P3 e P4 discordam de P1, P5, P6, P12, P21 e P22 que o uso do autoritarismo seja o causador da indisciplina do aluno, argumentando que essa situação acontece devido à falta de limites da família com os filhos e também pelo fato de o regente de ensino fundamental não conseguir ter o controle de turma.

*P3: Discordo da opinião da colega P1. Acho que esses problemas levantados são oriundos da falta de limite desses alunos, primeiro em casa com os pais e depois no ensino fundamental, onde colegas não conseguem se impor e partem para o que chamam de "democratização da aula". Se vocês preferirem podem me rotular como autoritário sim, pois na verdade o professor é a ÚNICA autoridade dentro da sala de*

*aula sim! É esse sentido de autoridade que cria o sentido de limite. Não é admissível um aluno dentro de sala de aula dizer que se opõe a determinação do professor por que ele é que paga a escola. Pagar a escola é obrigação do aluno ou responsável, independente de qualquer fato. A situação caótica no meio acadêmico vem da falta de união e de ética entre os colegas professores, e só por isso nos somos obrigados a nos submetermos a algumas situações vexatórias, como baixíssimos salários, atrasos de pagamento e em alguns casos até falta de pagamento, redução de carga horária de forma arbitrária, etc. ....Ai sim, deixaremos de ser meros propagadores de conteúdos para sermos então educadores.*

*P4: Eu voto no Marcus! E acredito também que a falta de educação gerada em casa seja o nosso maior problema.*

Em sua intervenção, P3 deixa implícito que não faz distinção entre autoridade e autoritarismo. Para ele, o limite é consequência natural da autoridade do professor, pois em seu argumento é feito no presente do indicativo, geralmente utilizado para conferir um sentido atemporal, ou seja, confere um valor de verdade ao que é enunciado. A utilização das maiúsculas na palavra “única” em seu texto, mostra ênfase na afirmação da autoridade do professor. Interessante observar ainda que a esta dificuldade atribuída ao professor de ensino fundamental, P3 chama “democratização da aula”. A palavra democracia tem sido, reiteradas vezes, utilizada no sentido de *laissez-faire*. P4 ratifica a culpabilização da família.

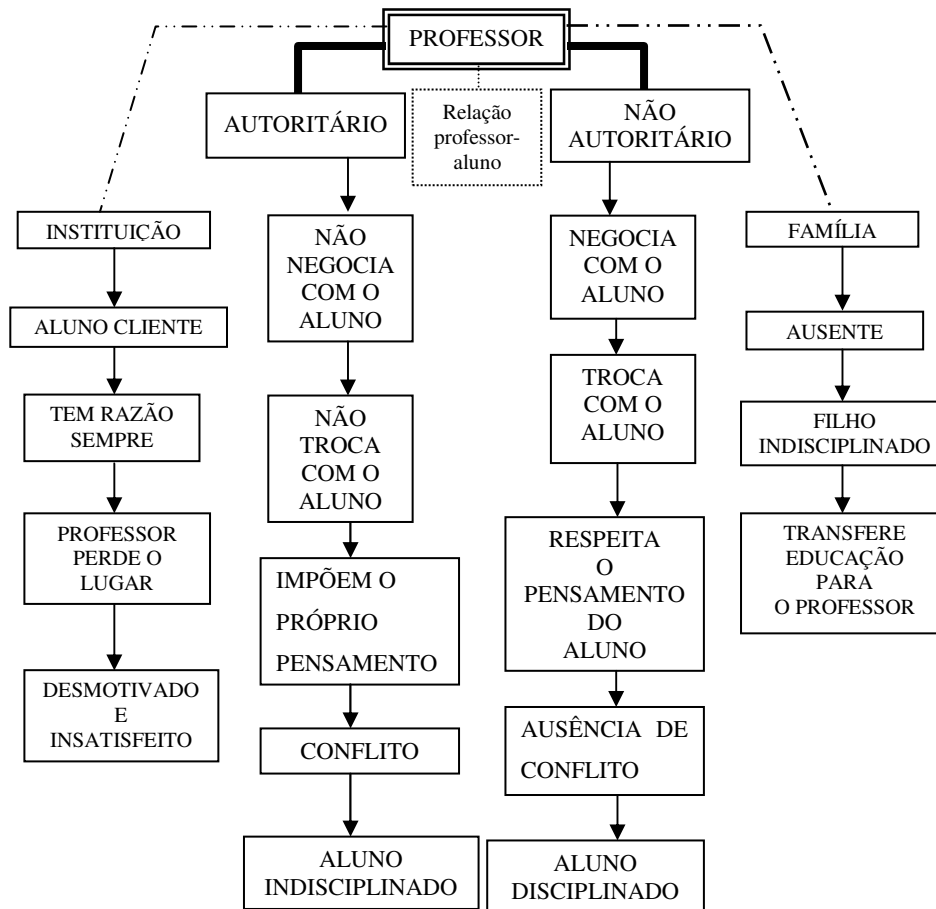
P9 e P11 concordam com P3 e P4 que a indisciplina acontece devido à falta de educação oriunda da família e apontam outras causas, como a formação pedagógica inadequada dos professores e a falta de compromisso e interesse profissional com a docência.

Observe que é feito um alerta na intervenção de P9 no sentido de a formação dos professores estar sendo feita inadequadamente gerando inclusive frustração e o desinteresse pela profissão. A profissão de professor é comparada a uma tarefa sem qualificação, um “bico”.

*P9: Primeiramente, a indisciplina em sala de aula ocorre pela falta de educação que o aluno já traz de casa. Hoje em dia, os pais não dão limites aos seus filhos. Ter filho por ter é muito fácil, difícil é educá-lo.....Muitas vezes, os futuros professores não têm interesse nenhum pelas disciplinas de licenciatura que são ministradas na faculdade. Além disso, o magistério torna-se um "bico" ou a frustração de muitos profissionais.*

Diz-se que uma tarefa é um bico quando ela é desempenhada por qualquer um ou quando é feita nas horas vagas, como um complemento ao trabalho formal. Desse modo, P9 reclama o status da profissão.

O esquema abaixo, acrescenta os principais argumentos das duas posições.



Pode-se dizer que a intervenção de P10 dá uma adesão implícita aos argumentos de P3, porém não se referindo especificamente à questão de ser ou não autoritário. P10 pontua os diferentes papéis dos segmentos envolvidos na educação escolar, distribuindo, desse modo, as responsabilidades pela disciplina.

*P10: Para se chegar à disciplina, há necessidade de código mínimo de comportamento, com pequenas coisas, não se transigindo com elas.....É preciso que os pais, por exemplo, disciplinem os filhos, exigindo-lhes o cumprimento de coisas mínimas e respeitem limites. A escola por sua vez, precisa ter um código de*

*comportamento e exigir que seja cumprido. Ao professor, a sua parte, exigindo que o clima em sala de aula seja de urbanidade, respeito, atenção e seriedade. No ambiente escolar o objetivo é de educar e não o de agradar para ter mais cliente ou o de se conquistar a imagem de liberais e modernas. Criar limites é educar; para educar, é preciso disciplinar; para disciplinar, é preciso punir adequadamente, nem que seja apenas moral e eticamente.*

P11 acrescenta que as relações comportamentais modificaram devido às mudanças no mundo sendo assim, os professores devem questionar suas práticas pedagógicas e realizar trocas com outros para melhorar o exercício profissional e o processo de ensino-aprendizagem.

*Se a escola mudou e se o aluno mudou, quem sabe não seja a hora de o professor mudar também? Toda sociedade é mutante; os papéis mudam e não faz exatamente muito sentido nos agarrarmos a paradigmas antigos para tentar sobreviver. É fundamental que paremos e repensemos nosso papel de professores, nossas atitudes, trocando idéias sobre experiências bem sucedidas neste novo cenário educacional, a fim de definir nossas posturas profissionais e até conceituais. Não sou um professor cabeça-aberta, vanguardista ou o que seja. Pelo contrário, sou bastante conservador quanto ao papel de cada um nesta relação aprendiz - ensinante. Contudo, tenho visto mudanças .....Sentemo-nos, repensemos nosso futuro profissional com a consciência focada no contexto atual, pois o cenário não vai mudar só porque um dos personagens quer.*

Coloca-se como conservador, valorizando a postura favorável a mudanças de concepção e postura nas praticas docentes. Vê como inevitável essa nova postura, concebendo a mudança como irreversível.

A intervenção de P11 procura detalhar alguns pontos tratados pelos colegas. Reclama para sua intervenção o status de análise do problema, utilizando-se, para isso, a enumeração do que considera os vários pontos importantes na análise. Porém, pontua apenas dois pontos: a responsabilidade dos pais na questão e dos cursos de formação de professores; e não os vários apresentados pelos colegas. Essa é uma forma de valorizar os pontos que enuncia.

*P11: Acredito que, em parte, todos apresentam questões fundamentais neste aspecto. Cabe, contudo, observar que vários pontos são importantes nesta análise: 1) os jovens, em geral, perderam o respeito pelos mais velhos - o que é uma questão de educação. Os pais, despreparados para serem pais, não ensinam aos filhos o que não aprenderam e se desvencilham de sua responsabilidade outorgando à escola o dever de educar. Esta concepção errônea do papel da escola faz com que os pais se sintam*



*no direito de cobrar dos profissionais da educação o que na verdade deveria ser dever deles (pais), num tipo de contrato comercial cada vez mais aceito. Essa noção de que o usuário do serviço deve exigir a prestação deste conforme suas exigências é repassado ostensiva ou repetitivamente aos filhos, que agem em consonância com o que aprenderam. 2) Os cursos de formação na área de licenciatura ainda se prendem a paradigmas diacrônicos, estudando clássicos da psicologia e da pedagogia quando, na realidade, os padrões comportamentais mudaram radicalmente nas últimas décadas. Não é culpa exclusiva das escolas de formação: não temos estudos e pesquisas suficientes que possam produzir conhecimento específico sobre esta área que nos dêem respaldo acadêmico (e, por outro lado, para alguns, é conveniente continuar lecionando em terreno conhecido).*

Não há adesão, no entanto, quanto à hierarquização que constrói. A formação não recebe nenhuma menção após sua intervenção e a questão da família já se mostrava consensual.

Algumas outras intervenções vão referir-se especificamente à mudança de postura na prática docente como prerrogativa para solucionar a indisciplina. De um modo geral, procuram distribuir as responsabilidades pelo problema.

*P20: Creio que o problema apresentado no texto revela-nos a dificuldade que professores, alunos e pais estão tendo de lidar com os valores do mundo moderno. É necessários reavaliarmos nossos procedimentos em sala de aula.*

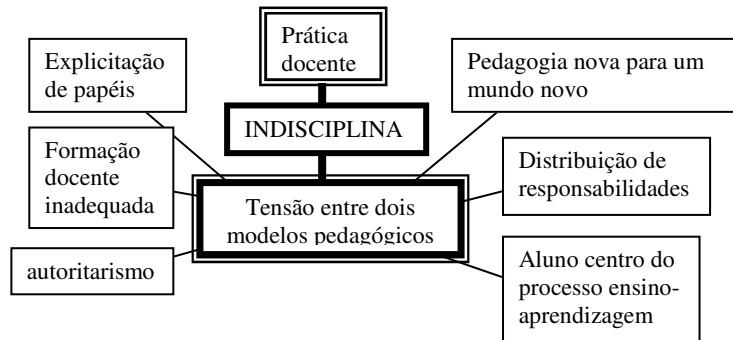
Outra posição traz considerações profissionais à questão da disciplina. P17 reclama melhor caracterização dos papéis dentro da escola. Para ela, a responsabilidade pela indisciplina está fora da alçada dos professores.

*P17: Não sei se de fato é um medo o que sentimos antes de entrar numa turma indisciplinada ou se é uma revolta conosco mesmos. Ao fazermos algo que não queremos estamos violando códigos de ética que estabelecemos para a nossa realização profissional. Ninguém quer ser um educador desta forma, mesmo considerando que no dia a dia existem desafios que a própria carreira exige. Não precisamos deste tipo de desafio. O que acontece quando encontramos quadros gritantes de indisciplina não me parece que seja responsabilidade nossa resolver este problema. Alguém aí deixou de cumprir com a sua tarefa ou de responsável educador ou de dirigente de uma instituição de ensino.*

Ela tem adesão das intervenções seguintes que, apesar de ainda se referirem à família e à escola como responsáveis pelo quadro de disciplina na escola, vão centrar o problema na ausência de respeito com a profissão.

De um modo geral, a participação dos professores no site sobre disciplina mostra um discurso sobre a prática docente indicador de um processo de transformação causado por transformações visíveis no mundo e nas relações sociais. A controvérsia sobre o professor autoritário encobre, na realidade, uma tensão entre uma prática docente reconhecida como ineficiente e uma nova prática.

O esquema ao lado mostra o sentido implícito das intervenções no site. A nova pedagogia ainda não é nítida para os participantes, mas a

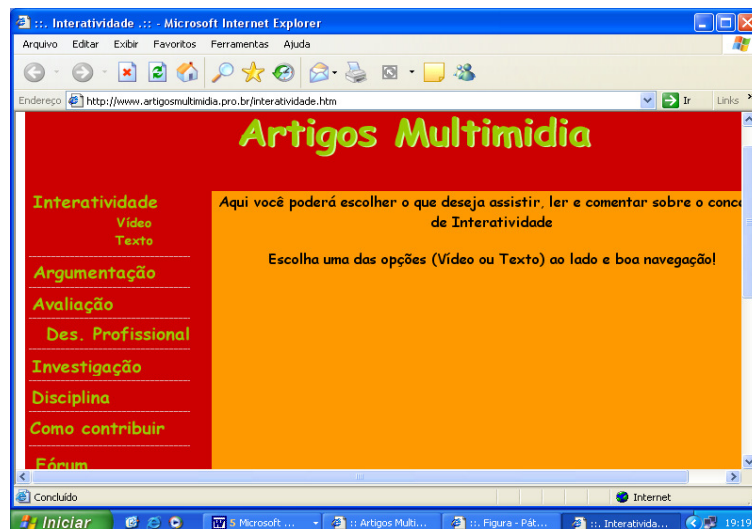


maioria postula sua necessidade. É uma pedagogia em que o aluno é o centro do processo ensino-aprendizagem, em que as responsabilidades pelo processo são distribuídas.

#### 4.2.2 - Tema interatividade

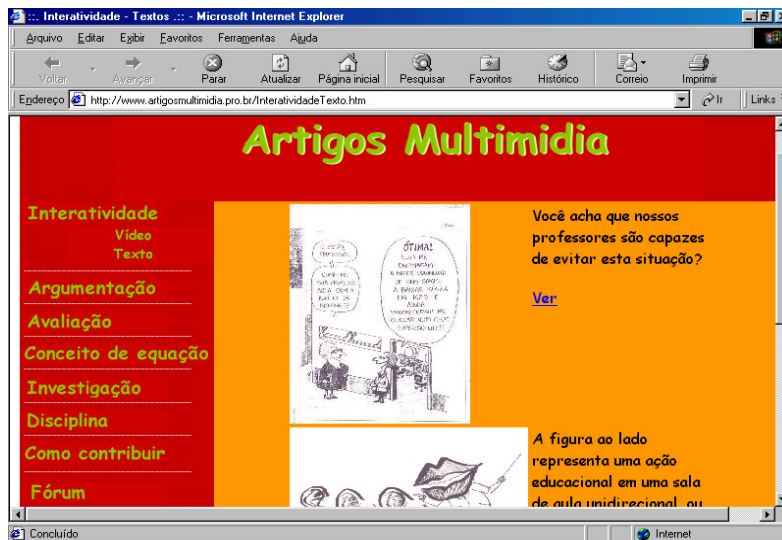
O tema interatividade é oferecido no *menu* do site Artigos Multimídia com as duas opções, texto ou vídeo, conforme figura abaixo.

Figura 7:



Na opção vídeo, são apresentadas duas gravações de aulas reais ministradas no Colégio Aplicação da Uerj. Na opção texto, são apresentadas duas figuras estáticas com perguntas referentes às imagens, como mostra a figura abaixo.

Figura 8:



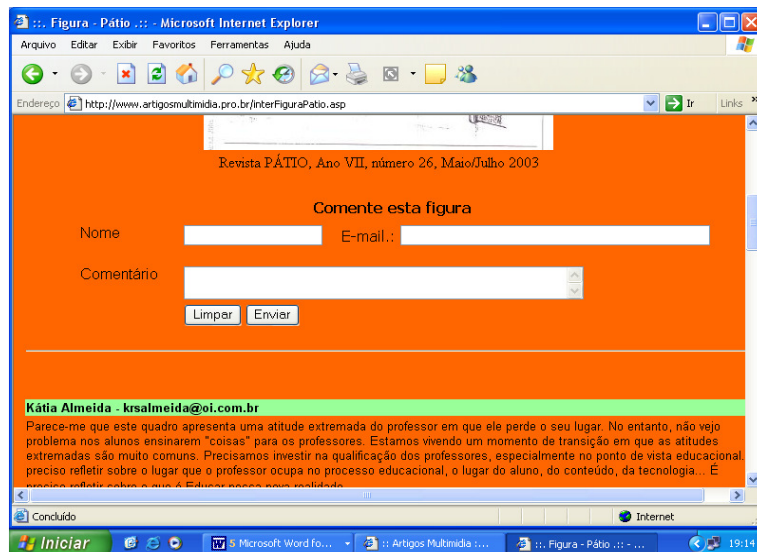
Após a escolha da imagem, aparece a opção comentário para que o professor participante registre a sua opinião.

Figura 9:



Posteriormente, pode ser observado, os comentários anteriormente feitos e que ficam disponíveis para a leitura do participante no momento em que vai escrever seu comentário, como mostra a figura abaixo.

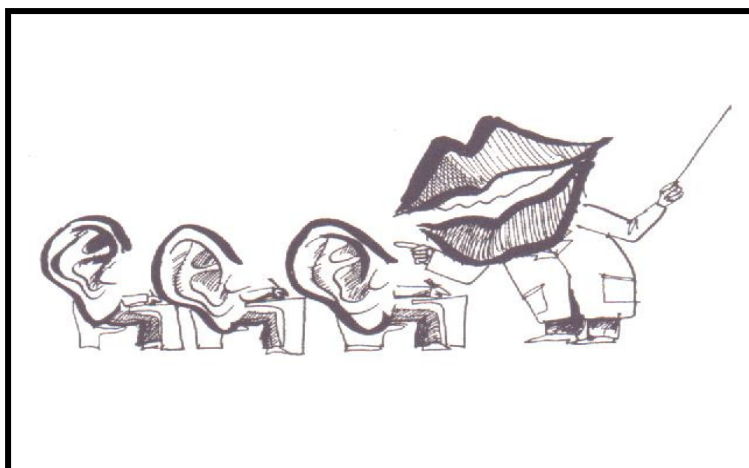
Figura 10:



#### 4.2.2.1 Análise das intervenções sobre a Charge / Interatividade / Professor Bocão

A figura representa uma ação educacional em uma sala de aula unidirecional, ou seja, o professor, aqui representado com um bocão, fala; e os alunos, com uma grande orelha, somente escutam. Aparece logo abaixo da figura a pergunta: Você acredita que a maneira apresentada é uma boa forma de administrar uma aula?

Charge 1:



SILVA, Marco. *Criar e professorar um curso on-line: relato de experiência*. In: SILVA, Marco (org). *Educação on-line*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p 54.

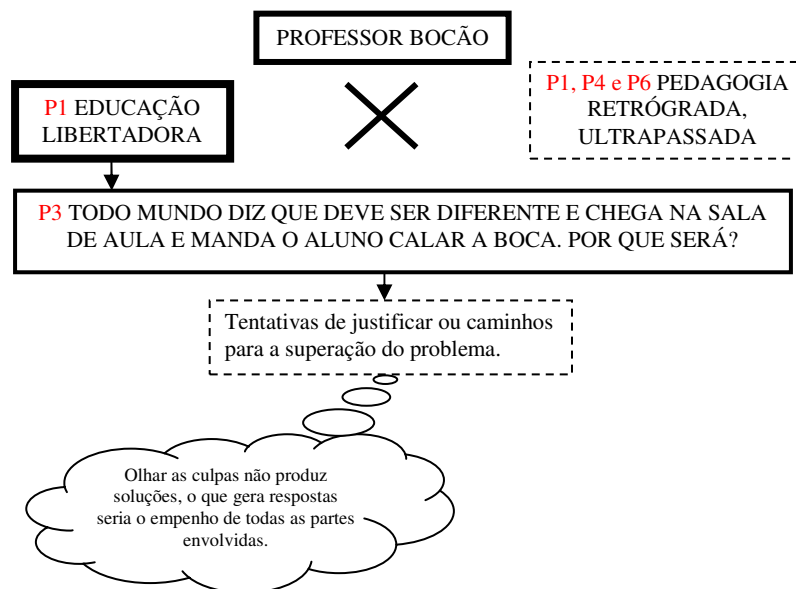
O diálogo entre os professores sobre a charge do Professor Bocão foi organizado pelos participantes a partir da oposição instalada entre o que seria uma educação libertadora e uma pedagogia retrógrada, ultrapassada. Esta oposição permeia todas as intervenções. A tese de que “é necessário libertar-se da pedagogia retrógrada e construir a educação libertadora” é anunciada na primeira intervenção e ganha a adesão dos demais professores que se limitam, a partir daí, a tentar definir ou descrever as duas noções opostas.

*P1 Este é o tipo de aula, de metodologia, de que precisamos nos libertar. A Educação deve ser uma interação entre o conhecimento do aluno com o que o profissional pretende valorizar em termos de conhecimento, como diria Paulo Freire: uma tentativa de construir a educação libertadora para, possibilitar-lhe o crescimento e desenvolvimento social.*

Esta dinâmica de dividir o espaço da prática docente entre duas noções antagônicas perdura até a última intervenção, em alguns casos implicitamente. Entretanto, a intervenção de P3 logo no início desfaz a aparente harmonia do diálogo, quando afirma que todos praticam a pedagogia chamada retrógrada e desafia os outros participantes, perguntando pelos motivos para que isso aconteça.

P3 *O discurso do Marcelo hoje já é quase consenso. O estranho é que só vejo práticas como a do desenho, ou seja, todo mundo diz que deve ser diferente e chega na sala de aula e manda o aluno calar a boca. Por que será?*

É importante ressaltar que a partir das falas de P3 os participantes intervêm no sentido ou de justificar a prática da pedagogia retrógrada ou de buscar caminhos para sua superação. O esquema abaixo ilustra a dinâmica do diálogo.



Após a intervenção de P3, as seguintes ainda se atêm a dar sentido às noções de pedagogia libertadora ou retrógrada.

P4 *Infelizmente .....salas de aula. O professor, "possuidor do conhecimento pleno, total", único a atuar e, seus alunos, ouvintes passivos, sem chance de vivenciarem uma educação criativa, crítica, co-participativa e cooperativa. E fundamental libertarmo-nos desta pedagogia retrógrada, só de transmissão de conhecimentos, para uma pedagogia libertadora, interativa, na construção dos saberes.*

P5 questiona se essa pedagogia libertadora é possível na prática, atribuindo a ela novos significados.

P5 *Considero que o processo educacional é um saber construído, sendo assim o professor bocão e o aluno orelhão apenas reproduzem um saber, repetindo sem crítica um conhecimento adquirido. A construção do saber deveria passar por uma produção que*

*envolveria uma comunicação efetiva em um processo dialético. Será possível essa prática?*

Porém alguns interlocutores preocupam-se em buscar elementos para a superação do problema apontado por P3. P7 afirma a necessidade de transformar a interação professor aluno.

*P7 Já não cabe mais na atualidade essa aula. Cala boca! Temos que participar e colaborar com o crescimento do educando, e para tanto necessitamos transformar a interação (Professor/Aluno).*

P9, reafirmando a fala de P1, assume uma posição resignada sugerindo que a oportunidade de fazer uma pedagogia nova se perdeu.

*P9 Esta charge representa o que Paulo Freire cunhou de educação bancária, o aluno é depósito de conhecimentos. Com isto, perdemos a oportunidade de contextualizar as situações do cotidiano escolar e trocamos vivências e levamos a teoria para a prática, articulando a ciência com a realidade.*

P10 tenta justificar a existência da pedagogia bancária por fatores materiais e de motivação dos professores. Esta tentativa está diretamente relacionada à intervenção de P3.

*P10 Não é a melhor maneira, mas, muitas vezes é uma realidade que não pode ser ignorada. Muitas vezes esta aula cuspe e giz é dada porque faltam recursos ao professor e/ou a instituição, por falta de motivação e atualização deste professor. Mas nestes casos, a quem culpar? Ao professor? Ao sistema onde está inserido? Acredito que olhar as culpas não produz soluções, o que gera respostas seria o empenho de todas as partes envolvidas.*

Importante ainda ressaltar nesta intervenção a menção à busca de culpados pelo exercício da pedagogia retrógrada. Esta menção destaca que este tipo de inferência é esperado. P10 antecipa-se e argumenta através de um lugar comum bastante genérico o despropósito de apontar “culpas” quando o que se quer é solucionar o problema. De sua intervenção, pode-se inferir que mesmo que o professor e a instituição sejam culpados por essa prática, o conhecimento disso em nada contribui. O que poderia contribuir “seria” a





P12 *Discordo que uma aula tenha de ser dada com cuspe e giz e sem a participação do aluno porque a instituição não tem recurso material para fornecer. O professor BOCÃO existe para facilitar a prática do docente, quanto menos o aluno participar menos trabalho o professor terá.*

Esta afirmação é uma polêmica entre professores. Dizer que o professor não tem uma prática libertadora porque não quer ter trabalho, atribui ao professor a responsabilidade pelo fracasso escolar. Com isso, P12 nega a justificativa de P10.

É importante assinalar que, do mesmo modo que na primeira temática analisada, o central da discussão sinaliza a necessidade de mudanças na prática docente, ou seja, de surgimento de uma pedagogia nova.

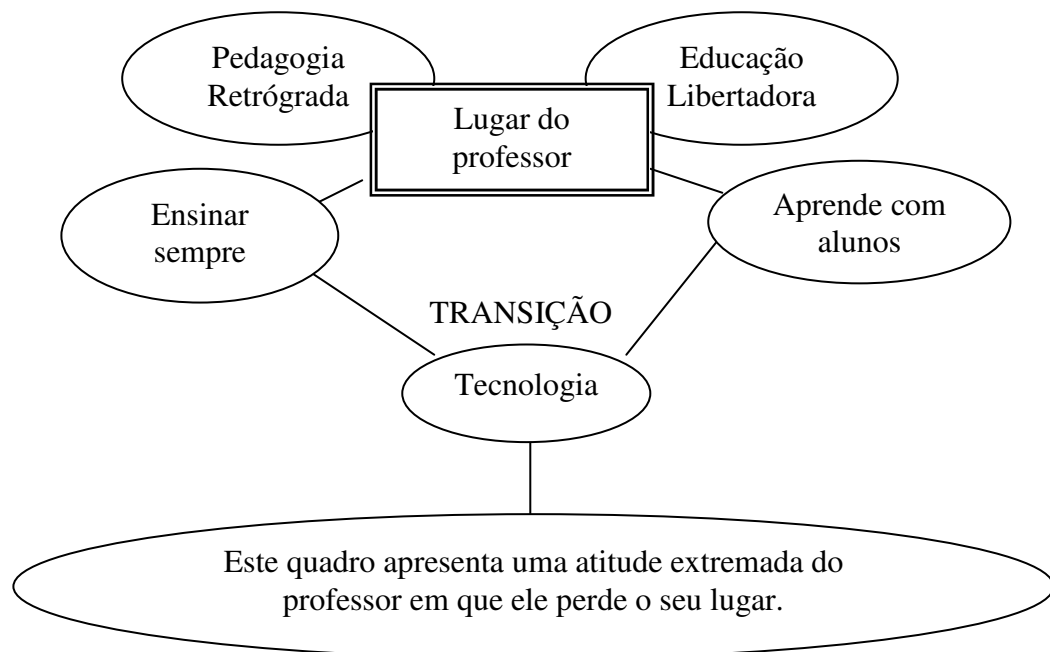
#### 4.2.2.2 Análise das intervenções sobre a Charge / Interatividade / Aula de informática

A figura representa uma ação educacional em uma sala onde a professora relata ter aprendido com os alunos manipular o computador e a WEB. Logo abaixo da figura, está a pergunta: Você acha que nossos professores são capazes de evitar esta situação?

Charge 2:



A questão já abordada na análise da charge 1, está presente novamente nas intervenções referentes à charge 2. O diálogo entre os professores na charge 2, refere-se a aula de informática e foi organizada pelos participantes a partir do método utilizado na prática docente, educação libertadora ou pedagogia retrógrada. A partir dessa questão, aparece nas intervenções dos professores algumas indagações: Qual é o lugar do professor? Ensinar sempre ou aprender com os alunos? O uso da tecnologia na prática educativa leva o professor a aprender com o aluno ou parte sempre do professor o saber? O esquema abaixo ilustra a dinâmica do diálogo:



Na primeira intervenção, há aparentemente uma controvérsia. Quando P1 utiliza os termos atitude extremada e perda do lugar de professor, demonstra aceitar e utilizar em sua prática a posição de que o professor ensina o aluno, apesar de atualmente essa atitude causar polêmica entre os professores.

*P1 Parece-me que este quadro apresenta uma atitude extremada do professor em que ele perde o seu lugar. No entanto, não vejo problema nos alunos ensinarem "coisas"*

*para os professores. Estamos vivendo um momento de transição em que as atitudes extremadas são muito comuns. .....É preciso refletir sobre o lugar que o professor ocupa no processo educacional, o lugar do aluno, do conteúdo, da tecnologia... É preciso refletir sobre o que é Educar nessa nova realidade.*

P1, no entanto, em seguida afirma que não vê problema do professor aprender com o aluno e apresenta a justificativa de que os professores estão em uma fase de transição e, para esta realidade, atitudes extremadas são comuns. Sendo assim, é preciso verificar que transição é essa, isto é, de que para o que? É preciso investigar quais são as necessidades atuais dos professores que os leva a questionamentos sobre o lugar que ocupam na educação dentro dessa nova realidade. P1 afirma a necessidade de redefinição da prática docente.

P2, P13 e P14 não aceitam a posição de P1 no que se refere a uma situação extremada do professor perder o lugar no processo de ensino-aprendizagem, visto que a tendência atualmente é o professor aprender com o aluno a utilização da tecnologia, porém P2 concorda com P1 na questão da reflexão sobre o lugar que o professor ocupa no processo de educação.

*P2 Não julgo extremada a situação sugerida pela imagem. Alunos ensinando professores sobre tecnologia é a regra e não a exceção. Concordo, no entanto, que isso nos faz refletir sobre nosso lugar, como professores. Acho que temos reproduzido uma escola que há muito não funciona. E por que reproduzimos? Temos uma jornada de trabalho que não comporta uma pedagogia diferente da que fazemos. E isso não tem nada a ver com tecnologia.*

P2 faz questão de frisar que a reflexão não diz respeito à tecnologia, mas sugere que seja uma questão ligada a antigos paradigmas, a reprodução e a extensa jornada de trabalho do professor que inviabiliza mudanças da prática docente. P13 acrescenta que é necessário o professor ficar atualizado para atender novas perspectivas educacionais.

*P13 Essa charge representa fidedignamente a realidade que impera nas salas de aula. As tecnologias avançam em uma velocidade assustadoramente grande, e, nós profissionais, se não dedicarmos nossa atenção a este tópico, acabaremos desatualizados e, por conseqüência, despreparados para atender às novas perspectivas.*

Para P13, reafirma a existência de “novas perspectivas” e relaciona a velocidade de crescimento das tecnologias com a necessidade de atualização do professor. Já P14 atribui a

charge uma tendência que chamou “progressista crítico-social”, mencionando o nome de Paulo Freire, o que confere força a seu argumento.

*P14 Paulo Freire nos legou que quem ensina aprende; quem aprende, ensina. Na tendência progressista crítico-social, professores e alunos mediam seus conhecimentos. Parece-me que esta charge exemplifica esta tendência.*

P3 afirma sua concordância com P2, salientando, no entanto, que discorda que o professor esteja perdendo o seu lugar. Alerta que se deva buscar um aprendizado constante inclusive com os alunos, evocando uma definição para “mestre” cujo significado, no entanto, é contrária à afirmação de P2, a de que o professor aprender seja “a regra e não a exceção”, já que usa a expressão “de repente” que tem um significado mais próximo de inesperado.

*P3 Concordo com a opinião anterior, visto que para nossos alunos, principalmente quando adolescentes, o mundo da internet é bem mais conhecido e explorado. Não acho que estejamos perdendo nosso lugar, mas sim que é necessário uma busca constante, de nossa parte, de entrosamento com as novas tecnologias. Não podemos esquecer que "Mestre é aquele que, de repente, aprende".*

P4 adere à intervenção de P1 quando diz que deve ser evitada a situação apresentada, evocando a necessidade de formação do professor.

*P4 Para evitar a situação apresentada o professor deveria estar preparado para todas as situações.*

P5 e P9 aderem à intervenção de P1 e P4 quanto à perda do lugar no processo educacional, porém responsabilizam os professores pela perda do lugar devido à falta de interesse em estar atualizado nos conteúdos utilizados na prática docente.

*P5 Pelo que já vi, pode-se evitar tais situações e é uma questão de atitude. Alguns professores separam o seu aprendizado: em casa eu tenho interesse e invisto meu tempo para passatempo, mas no trabalho... “não posso perder tempo, tenho que dar aulas”. Alguns ainda têm medo do computador. Outros são interessados, decididos e aprendem com empenho, independente de idade ou de experiência em docência.*

Para P9, acrescenta ainda a necessidade de o professor atualizar o conteúdo que ensina, sem o que a atualização em informática é ineficaz.

*P9 É importante que a professora esteja familiarizada no contexto da informática, mas é preciso também que a professora esteja com o conteúdo da sua matéria atualizada, porque se não estiver sabendo, não adianta estar informatizada.*

P12 também concorda com a idéia de troca entre aluno e professor, no entanto, vê nisso um risco para o processo educacional.

*P12 Concordo com a troca, entretanto, devemos ter cuidado de não transgredir o processo educacional.*

P6 concorda com P5 e P9 que depende da atitude do professor a atualização das práticas educativas. P6 levanta a seguinte questão: o professor tem” tempo para essa atualização???”. Segundo o INEP, um dos fatores que compromete o desenvolvimento profissional do professor é tempo não disponível para discussão de problemas referentes a sua própria prática educativa.

*P6 Achei ótimo a professora ter sido inserida na tecnologia/WEB utilizada pelos alunos. Não vejo problema algum nessa troca de informação. Acredito que tendo noção dos interesses dos alunos as aulas serão mais proveitosas. Tem o lado também da falta de preparo da professora, ela deveria ter noção dessa tecnologia/estratégia de ensino antes de utilizar. Será que os professores têm interesse ou tempo para essa atualização???*

P7, P8, P10, P16 e P17 aderem à intervenção de P2 no sentido de que alunos ensinam professores e que os conhecimentos trocados entre eles valoriza e facilita o aprendizado do aluno, aumentando a “bagagem” do professor, contribuindo para melhora de outros trabalhos, e conforme P17, dentro e fora da escola. Sendo assim a escola está presente além dos muros. A intervenção de P6 levanta a seguinte questão: Os professores estão utilizando estratégias educacionais atualizadas?

*P7 A realidade dos nossos educandos muitas vezes nos deixa surpresos, mostrando nos como eles estão ligados no mundo virtual, e que podemos aprender muito com eles valorizando os seus conhecimentos.*

*P8 Achei excelente a postura da professora em aceitar a troca de informações, interagindo com seus alunos. Ela possibilitou esta troca com seus alunos, saindo da posição de "poder único" e participando da troca de conhecimentos com seus alunos. Com certeza criou um ambiente mais interessante e estimulante em sala de aula, com a participação de todos.*

*P10 Acho que essa situação não é nem um pouco impossível! São diárias as situações em que alunos nos mostram e ensinam situações que por muitas vezes estão fora de nosso cotidiano! Essa aproximação, essa interatividade nos dá uma bagagem extra até mesmo para fazermos trabalhos melhores com esses e outros alunos.*

P16 acrescenta que o interesse dos alunos desperta com os conteúdos eletrônicos e que deixam de lado as informações tradicionais trocadas na escola. Será que as estratégias de ensino utilizadas estão atualizadas?

*P16 É a mais pura realidade, uma vez que, nossos alunos encontram-se, tecnologicamente, muito mais atualizados que nós. Pena que na maior parte dos casos, eles só encontram-se atualizados e especializados na informação informatizada.*

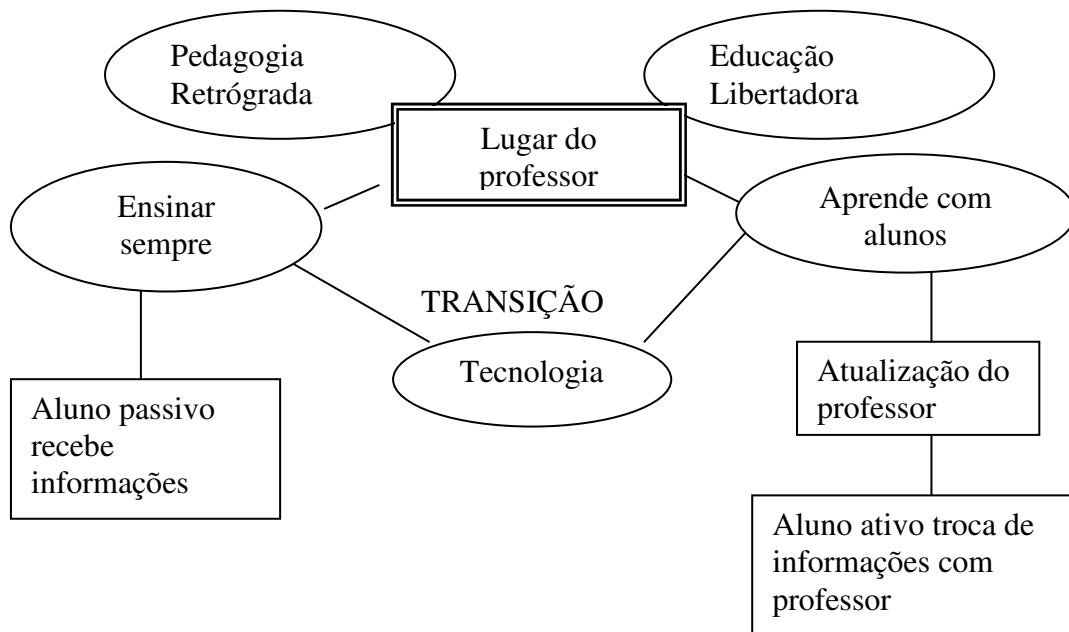
*P17 Interessante, pois é possível notar que o processo é uma via de mão dupla, ou seja: as experiências cotidianas dos alunos são preciosas para nós docentes. Assumir que aprendemos com os nossos alunos é estar "linkado" a escola além dos muros.*

P15 adere a intervenção de P5 e P9 que a atualização depende da vontade do professor e justifica que a falta de atualização da professora da charge ocorreu por medos, Isto é, medo de usar a tecnologia e medo que o conhecimento do aluno fosse maior que o dela.

*P15 A charge pode ser vista de formas diversas... Talvez a professora em questão seja uma excluída digital, com medo de tecnologia. Nesse caso, ela realmente ficou surpresa: primeiro com a quantidade de informações incríveis que o mundo virtual pode oferecer, o outro aspecto seria o domínio que os alunos têm deste ambiente. Este recurso, às vezes mal ou não aproveitado pelo professor permite acesso a diversas formas de mídia, o que pode produzir aulas que ele há pouco jamais pensaria. Pra que esse universo de acessos e informações esteja disponível o professor não pode ter medo, nem de aprender e nem de ensinar.*

P15 chama a atenção, ainda, para a riqueza de recursos propiciada pelas tecnologias. Considera necessário que o medo seja vencido.

O esquema abaixo, mostra que as intervenções delineiam uma oposição entre o modelo antigo e tradicional de ensino (Pedagogia retrograda) e o modelo novo de ensino (Educação libertadora) e que o uso da tecnologia pode propiciar às trocas entre os sujeitos envolvidos no processo.



Percebemos que as intervenções afirmam a necessidade de refletir sobre o lugar que o professor ocupa no processo educacional. Porém, esta necessidade vai depender do tipo de modelo escolhido e aplicado na prática docente, pedagogia retrógrada ou educação libertadora. Na pedagogia retrógrada, o professor detém o saber. É uma posição tradicional que está presente ainda nas escolas brasileiras. A educação libertadora permite a troca de conhecimentos intra e extra classe entre professor e aluno. Esse modelo não diminui a figura do professor e promove o aprendizado seja do professor ou do aluno.

É importante apontar ainda a presença, também neste debate, da diferenciação entre dois tipos de pedagogia, uma que é efetivamente praticada, mas que encontra obstáculos intransponíveis, e uma outra, ainda não existente, ao menos plenamente, apontada como uma necessidade para uma mudança da prática docente.

### 4.3 Discussão dos resultados

Dos professores convidados para participar da pesquisa, obtivemos uma aderência de 73% que contribuíram com intervenções no site no período de novembro de 2006 a fevereiro de 2007. Observamos que entre os sete temas disponíveis no site, dois tiveram procura maior, disciplina e interatividade. Consideramos um resultado expressivo, visto que não houve nenhuma orientação por parte do pesquisador na opção do tema de escolha para os participantes. Sendo assim, observamos também, que os professores participaram dos temas que despertaram interesse maior.

Esse quadro pode ser explicado pelo fato de os professores participantes se identificarem mais com os temas que retratam o cotidiano profissional. Apesar dessa situação, observamos que a maioria dos professores participante 86%, não retornava ao ambiente para dar continuidade a defesa de seu ponto de vista, resultado também observado por Hudson (2007). Apenas o tema disciplina causou retorno, os professores retornaram para reafirmar sua intervenção anterior ou para acrescentar uma idéia nova que não tinha sido discutida.

Os participantes mantêm suas posições apenas argumentando em favor delas. Houve sim, casos de concordâncias de idéias, onde um participante a partir da afirmação de outro desenvolve sua argumentação. Isso revela uma tendência forte entre professores de resistência ao debate quando uma posição é contrária à sua. Sendo assim, não houve o caso de algum professor explicitamente mudar a sua concepção e, portanto, não houve adesão no sentido a partir de uma controvérsia alcançar consenso no processo argumentativo.

Segundo os resultados de nossa pesquisa, a maioria dos professores através das suas intervenções no ambiente argumenta a respeito das dificuldades encontradas durante a prática docente. Apontam fatores que interferem na prática docente e apresentam reflexões que para



melhorar o sistema educacional e com isso são unânimes em afirmar que o momento é de mudança.

Dois aspectos foram abordados pelos professores como causadores da indisciplina dos alunos em sala de aula, a família e a instituição de ensino que transferem para o professor a responsabilidade total da educação dos filhos/alunos.

A família ausente não educa os seus filhos e permanece distante e nula do processo educativo, transferindo inteiramente para a figura do professor a responsabilidade do processo educacional, isentando-se de toda e qualquer responsabilidade na falha do processo.

A instituição de ensino que trata o aluno e família como cliente, fazendo analogia a estabelecimento comercial, sendo assim, eles sempre têm razão. Com isso, a figura do professor é diminuída e desvalorizada, perdem a força, e sinalizam que seu bom desempenho depende das condições da sala de aula. Nas intervenções feitas no ambiente, reclamam não serem vistos pelas autoridades de ensino e a necessidade de colaboração dos outros envolvidos no sistema educacional. Diretores, orientadores, coordenadores e supervisores devem estar comprometidos com a promoção da aprendizagem e não somente com o desenvolvimento empresarial do ensino. Conseqüentemente, a falta de apoio da família e da instituição dificulta o relacionamento entre professor e aluno que cotidianamente vem sendo desenvolvida com agressividade e violência e, com isso, o professor desenvolve com deficiência a tarefa de ensinar.

Os participantes, durante suas intervenções no ambiente referente ao texto com medo dos alunos, diferenciaram duas posturas do professor, autoritária ou não autoritária, como a questão mais relevante a ser enfrentada para solucionar o problema da indisciplina com os alunos na sala de aula. Autoritarismo aqui tem o sentido de ser rigoroso, não tendo associado a ele o sentido de arbitrariedade. Os que praticam o não autoritarismo nas suas intervenções

argumentaram que, agindo assim, a consequência é a não ocorrência de conflito devido à troca com os alunos e ao respeito obtido devido à postura profissional do professor no processo de ensino e aprendizagem. Já os professores que assumiram a prática autoritária justificam essa prática nas suas intervenções devido à falta de limites dos alunos e falta de apoio da família e dirigentes escolares.

Percebemos então que as intervenções dos professores estão organizadas por uma dicotomia entre dois modelos de pedagogia, uma retrógrada ou outra libertadora. Sua argumentação vai se dar sempre no sentido de criticar a pedagogia dita retrógrada e exaltar a libertadora. A pedagogia libertadora é defendida quase por oposição à pedagogia retrógrada e vão se dedicar à busca caminhos para a transformação da pedagogia retrógrada para a pedagogia libertadora.

Na discussão referente às charges, o resultado é quase o mesmo. O foco se desloca para uma questão sugerida pela imagem, o lugar que o professor ocupa no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo no fato de o professor aprender com o aluno. Ainda sobre essa transformação de uma pedagogia para a outra, o uso da tecnologia é problematizada, ela por si só não garante a transformação, mas oferece riqueza de recursos pedagógicos para o professor.

Os professores apresentam dificuldades no exercício de uma autonomia plena, uma vez que não persistem na defesa de suas posições, porém o diálogo instalado no ambiente mostra atitudes autônomas praticadas por esses professores que, segundo Castoriadis, é um meio para se alcançar à autonomia.

A prática da autonomia leva à busca pelo desenvolvimento profissional visto que o professor exerce um comportamento crítico quando reflete sobre a sua própria prática docente e profissional, e também dos outros profissionais, levando-o à reflexão e a análise da situação,

à busca de soluções e novas estratégias que melhorem o processo educativo e fortaleça o seu desenvolvimento.

Questões mais emergentes ocupam um lugar de destaque no seu discurso como foi o caso da indisciplina na sala de aula. O participante na sua maioria dos casos mostra conhecimento dos argumentos defendidos tanto pela comunidade, onde exercem sua função, quanto as que se desenvolvem no meio acadêmico. No debate sobre indisciplina assumem alguma responsabilidade, incluindo-se mesmo de forma tímida, entre os que podem fornecer soluções sobre o problema.

As imagens mostraram-se uma motivação forte para desencadear os processos argumentativos, muito provavelmente em razão do seu poder de resumir e condensar as idéias.

## CONCLUSÃO

Ao concluirmos esta pesquisa pudemos constatar que os professores praticam atitudes autônomas, tanto no exercício da sua prática profissional quanto ao lidarem com o site, importantes para o desenvolvimento profissional.

Observamos que na maior parte das intervenções, os participantes desenvolviam seus argumentos a partir de uma aparente adesão à intervenção do outro professor participante. Sendo assim, poucos foram os momentos em que foi gerado um debate em que um buscasse defender um argumento diferente de algum outro participante. Encontramos controvérsia quanto à posição do professor em sala de aula, usando ou não o autoritarismo como prática profissional. Embora um dos participantes tenha levantado a questão do uso dessa prática de maneira contundente, e apesar de alguns participantes não concordarem com essa atitude, a opinião não foi rebatida frontalmente pelos demais professores. No geral, as intervenções parecem sempre se remeter a visões de prática profissional idealizada, de uma educação denominada libertadora, resultado também observado por Calvo (2006). Os temas escolhidos pelos participantes foram privilegiadamente aqueles que portam diretamente sobre o dia a dia da prática docente, no caso, a indisciplina e a interatividade na sala de aula.

Os professores participantes da pesquisa são quase unânimes em concordar que a indisciplina dos alunos ocorre devido à anulação da família e à falta de apoio dos dirigentes escolares. Sendo assim, as razões são privilegiadamente externas a eles, posicionam-se inicialmente como isentos da responsabilidade diante dos problemas que enfrentam, apenas alguns poucos levando em conta sua própria participação no problema. A interatividade na sala de aula foi identificada como a necessidade de haver trocas com os alunos.

O ambiente do site ofereceu recursos para que os professores participantes falassem sobre sua prática docente cotidiana e observassem a prática do outros. Dessa forma, os professores puderam comparar suas práticas com a de outros. Portanto, o site proporcionou ao professor um espaço de reflexão sobre sua própria prática, percebendo aspectos negativos e positivos, na procura de alternativas e soluções.

Conforme Calvo (2006, p.73),

Os Artigos Multimídia mostram-se como uma alternativa na qual o professor encontra-se com seus pares para discutir teoria e prática, amadurecendo suas concepções a respeito da prática docente. O ambiente dos Artigos Multimídia pode ser utilizado em larga escala e já apresentam resultados bastante positivos.

Os resultados mostraram que está sempre presente no discurso dos participantes uma oposição entre dois tipos de prática docente: uma pedagogia denominada tradicional, ultrapassada, a que efetivamente tem lugar na escola, e uma outra ainda não existente, libertadora, que se dedicam a definir e caracterizar, não importando o tema da discussão. Apontam a necessidade de caminhos para a transformação de uma na outra e os obstáculos que se interpõem nesse caminho. Identificam a necessidade das mudanças por uma evidente transformação das relações sociais, que inviabilizam a prática docente atual.

Nenhum ambiente por si só vai garantir a autonomia do professor para o seu desenvolvimento profissional. As dificuldades apresentadas pelos professores no processo argumentativo evidenciam posturas cristalizadas entre os professores, embora todas elas sejam motivo de preocupação por parte deles e defendidas por um rol consistente de argumentos. Os professores participantes consideram a pedagogia prática ineficaz e acenam a necessidade de transformação dessa prática ao mesmo tempo denunciam dificuldades quase intransponíveis para essa transformação.

O ambiente mostrou-se uma ferramenta importante para o desenvolvimento de atitudes autônomas necessárias ao desenvolvimento profissional. Ao confrontar-se com diferentes concepções de práticas docentes, o participante organiza diferentes argumentos para compreensão das dificuldades dessa prática.

O material oferecido no site provoca o interesse dos participantes por oferecer escolhas e, de uma maneira geral, os participantes se interessam também pelos comentários postados anteriormente. Os recursos oferecidos pelo site são determinantes para a argumentação, o que também foi verificado por Hudson (2007) no fórum do mesmo ambiente, embora não se caracterize por um diálogo sincronizado.

O site mostrou-se amigável ao desenvolvimento da argumentação dos participantes, embora não tenham sido verificadas efetivas mudanças de ponto de vista dos participantes. O uso do ambiente Artigos Multimídia foi favorável à prática da autonomia e, conseqüentemente, ao desenvolvimento profissional do professor.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. MEC/INEP. *Estatísticas dos Professores no Brasil*. Ministério da Educação, INEP. 2003.
- BRASLAVSKY, Cecília. *As novas tendências mundiais e as mudanças curriculares na educação secundária latino-americana na década de 90*. Brasília: UNESCO, 2001.
- CALIXTO, Aldeci Cacique. *Meu tudo que cai na rede é peixe: Saberes docentes e possibilidades educativas na/da Internet*. ANPED, 26,2003. Disponível em: <<http://www.anped.gov.br>> Acesso em: 07/08/2005.
- CALVO, Valéria Cristina Nunes. *Argumentação no discurso sobre a prática docente no ambiente dos artigos multimídia*. 94p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2006.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Trad. Guy Reynaund; revisão técnica de Luis Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CASTRO, Monica Rabello de. *Retóricas da rua: educador, criança e diálogos*. Rio de Janeiro: EDUSU/CESPI/Amais, 1997.
- CASTRO, Mônica Rabello de; FRANT, Janete Bolite. *Argumentação e Educação Matemática*. *Boletim GEPEN*. Rio de Janeiro: n. 40. p. 53-68, ago. 2003.
- CONTRERAS, José. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.
- COUTINHO, Ricardo Nespoli. *Televisão universitária como ambiente de aprendizagem*. 152p. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura Contemporânea) Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2006.
- DELANNOY, Françoise. *Os docentes brasileiros: Preparação, desenvolvimento profissional e incentivos*. *Elementos para um marco estratégico*. Brasília: 2002, p. 221-227. Disponível em: <<http://www.novaescola.abril.com.br>> Acesso em: 07/07/2005
- DEMO, Pedro. *Desafios Modernos a Educação*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DEMO, Pedro. *Participação é conquista: noção de política social e participação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FRANT, J. B.; CASTRO, M. R. *Pensamento Combinatório: uma análise baseada na estratégia argumentativa*. In: *Anais da 24ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu: 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, H. *Los profesores como intelectuales, hacia una pedagogía crítica del aprendizaje*. 1.ed. Barcelona: Piados / MEC, 1990.

HUDSON, Leonardo Mendes. *O Desenvolvimento Profissional e a Argumentação no Discurso Sobre a Prática Docente no Fórum do Ambiente dos Artigos Multimídia*. 95p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2007.

MARQUES, M. O. *A formação do profissional da educação*. Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 2000.

MELLO, Guiomar Mauro de. *Formação inicial de professores para educação básica: uma (re)visão radical*. São Paulo: 2000. p.98-110. Disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br>> Acesso em: 18/08/2005.

MENEZES, Luis. *Formação de Professores do 1º CEB*. 2005, p.1-2. Disponível em: <[http://www.ipv.pt/millennium/va12\\_form.htm](http://www.ipv.pt/millennium/va12_form.htm)> Acesso em: 24/09/2005.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. *Formação continuada de professores e novas tecnologias*. Maceió: EDUFAL, 1999.

MOURA, Rui Manuel Catarina de. *Formação de Professores*. Lisboa: 2000, p.1-15. Disponível em: <<http://anapet.no.sapo.pt/documentos/pdf>> Acesso em: 08/11/2005.

NOGARO, Arnaldo. Crise de valores ou ausência de educação ética. In: SE-RS. *Ética, cidadania e valores*. Caderno Temático 24. Porto Alegre: 2000, p.6-13.

OLIVEIRA, R. J.; MAZZOTTI, Tarso Bonilha. *Ciência (s) da educação*. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 104 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 5. ed., 2003, 100p.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1975. 317 p.

PERELMAN, Chaïm. *O império retórico: retórica e argumentação*. Trad. Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. 2. ed. Porto: ASA Editores II, 1999. 206 p.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação - a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PERES, Américo Nunes. *Formação de Professores*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Pólo de Chaves: 2005, p.1-9. Disponível em: <[www.fenprof.pt](http://www.fenprof.pt)> Acesso em: 15/10/2005.



PIAGET, Jean. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summuus, 1994.

PONTE, João Pedro da; SARAIVA, Manuel. *O trabalho colaborativo e o desenvolvimento profissional do professor de matemática*. Quadrante, v. 2, n. 2. 2003.

PONTE, João Pedro da. Da formação ao desenvolvimento profissional. In *Actas do ProfMat98*. Lisboa: APM. 1998, p. 27-44. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jpontes/artigos/pt.htm>> Acesso em: 20/08/2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, Sérgio de Oliveira. *Artigos Multimídia no Desenvolvimento Profissional do Professor do Ensino Fundamental e Médio*. 94p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2005.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. 1983. In: NÓVOA, A. *Os professores e a sua formação*. 2. ed. Lisboa, Dom Quixote, 1995. p.51-76.

UNESCO. *Aprender a viver juntos: será que fracassamos?* 46ª Conferência Internacional da Educação da Unesco – Brasília: UNESCO, IBE, 2003. 124p.

UNESCO. Educação superior: reforma, mudança e internacionalização. *Anais*. Brasília: UNESCO Brasil, SESU, 2003. 208p.

## ANEXOS

### Anexo A Questionário

#### QUESTIONÁRIO

Prezado professor, você está sendo convidado para participar da pesquisa de Mestrado em Educação da Universidade Estácio de Sá, autoria de Luciane Alves Vercillo. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Desde já, agradeço sua colaboração.

#### 1. CONHECIMENTO :

1.1- Há quanto tempo você atua como docente?

- ( ) Até dois anos.
- ( ) De três a cinco anos.
- ( ) Mais de cinco anos.

1.2- Como você se mantém informado(a)?

- ( ) Assistindo a telejornais.
- ( ) Lendo jornais e revistas eventualmente e assistindo a telejornais.
- ( ) Lendo jornais e revistas diariamente e assistindo a telejornais.

1.3- E em relação à sua prática profissional? Como você se mantém atualizado? \_\_\_\_\_

---

---

---

1.4- Quanto aos recursos tecnológicos de informática ( computador ), você :

- ( ) É um usuário freqüente.
- ( ) Tem interesse pelo assunto e é usuário eventual, pois não tem acesso freqüente.

( ) Não é usuário.

## 2. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL :

2.1-O que você entende por desenvolvimento profissional?

---

---

---

2.2-Segundo João Pedro da Ponte, em seu artigo **Da formação ao desenvolvimento profissional**<sup>2</sup>, várias são as diferenças apontadas entre os dois conceitos. Ao falar em formação continuada tem-se presente a idéia de freqüência a cursos, nos quais ao professor cabe assimilar os conhecimentos transmitidos, que geralmente estão ligados a alguma carência apresentada pelo professor, e são transmitidos de forma compartimentalizada, partindo da teoria e nela permanecendo. Já no que diz respeito ao desenvolvimento profissional, a idéia presente é de troca de experiência e reflexão; cabendo ao próprio professor as escolhas quanto aos projetos em que quer se envolver e como este envolvimento se dará, dando atenção às suas próprias potencialidades e buscando a ligação entre teoria e prática. Em síntese, poderíamos dizer que na formação, o professor é o objeto, enquanto que no desenvolvimento ele é o sujeito da ação.

Considerando sob este aspecto, de que forma você busca o seu desenvolvimento profissional? Parte de você mesmo ou fica à espera de que este seja proporcionado pela instituição escolar?

---

---

---

---

2.3-Você costuma usar os recursos tecnológicos, especificamente o computador, Internet e seus recursos, na busca de seu desenvolvimento?

---

---

---

---

<sup>2</sup>[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/artigos\\_pt.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/artigos_pt.htm)

**3.PLANEJAMENTO :**

3.1-O que você considera no planejamento das suas atividades de aula? Existe algum fator que modifica o seu planejamento prévio? Se existe qual (is) são?

---

---

3.2-Como é sua prática docente diária em sala de aula?

- Seguir o programa sugerido pelo livro didático adotado.
- Seguir o livro didático e partir para atividades sugeridas por ele.
- Considerar o livro didático apenas mais um recurso e recorrer a outras metodologias e fontes de informações como jornais, revistas e Internet.

**4.AVALIAÇÃO:**

4.1-Quais são os fatores que você considera mais importante para a avaliação dos alunos?

- Provas e tarefas de casa.
- Participação nas aulas e, em segundo plano, as provas e as tarefas.
- A trajetória de cada aluno nas aulas, seu envolvimento com a disciplina e seu rendimento nas lições e provas.

**5.ATITUDES:**

5.1-Quais são as atitudes que você toma diante de uma classe indisciplinada?

- Recorre imediatamente à direção.
- Espera que a turma se acalme para tentar conversar.
- Investiga as causas e desenvolve ações para combater a indisciplinada (conversa e definição de regras).

5.2-Existe em seu ambiente de trabalho o costume de troca e discussão entre os profissionais?

Como/onde se dá esta discussão?

---

---

---

5.3-Como é seu relacionamento profissional com os colegas?

( )Troca informações, aceita sugestões e colabora sempre que solicitado.

( )Dá sua contribuição quando pedida, mas não divide idéias com o grupo.

( )Procura fazer o trabalho da forma mais independente possível, sem interferência de ninguém.

5.4-Estamos desenvolvendo um ambiente que possibilita a troca, discussão, críticas entre profissionais docentes. Existe interesse de sua parte em participar deste ambiente?

---

5.5-Você acredita que esta participação pode auxiliar no seu desenvolvimento profissional?

Justifique a sua resposta.

---

---

**Anexo B**

Texto: Com medo dos alunos

**Com medo dos alunos****Provocado pela indisciplina na sala de aula, um distúrbio psicológico se alastra entre os professores: a fobia escolar.**

"Muitos pais acreditam em tudo o que as crianças dizem e vêm procurar os orientadores para tirar satisfação. Isso é ruim porque, ao menor sinal de deslize, os alunos fazem o que querem. Por isso temos de ser duros. Sem respeito com os professores, é impossível qualquer aprendizagem e a escola perde o sentido."

**Neide Maria Negrini, 49 anos, professora de português na Escola Pueri Domus, em São Paulo**

Há um problema novo nas escolas brasileiras: a indisciplina nas salas de aula assumiu tais proporções que muitos professores estão com medo dos alunos. Não se trata da violência que, nos bairros pobres, ultrapassa os muros escolares e ameaça fisicamente os educadores, mas sim de um fenômeno de subversão do senso de hierarquia que ocorre em grandes redes de ensino privadas e também está presente em colégios tradicionais. Uma explicação parcial para essa mudança de comportamento é a seguinte: os alunos ignoram a autoridade do professor porque o vêem como uma espécie de empregado ou prestador de serviços, pago por seus pais. Uma das queixas mais comuns dos professores diz respeito ao sentimento de impotência diante de alunos indisciplinados. Certas escolas agem como se a lógica do comércio – aquela que diz que o freguês sempre tem razão – também valesse dentro da classe. "Os professores estão sofrendo de fobia escolar, antes um distúrbio psicológico exclusivo das crianças", diz o psicanalista Raymundo de Lima, professor do departamento de fundamentos da educação da Universidade Estadual de Maringá, no Paraná.

O professor que desenvolve fobia escolar sente um pavor profundo da escola e da sala de aula, acompanhado de alterações físicas como palpitações e tremores. Os ambulatórios psiquiátricos dos hospitais brasileiros já registraram o aumento dos casos de professores com distúrbios de ansiedade, entre eles a fobia escolar. "O número de professoras que têm procurado atendimento por estar estressadas, deprimidas ou sofrendo de crise do pânico aumentou cerca de 20% nos últimos três anos", diz Joel Rennó Júnior, coordenador do Projeto de Atenção à Saúde Mental da Mulher do Hospital das Clínicas de São Paulo. Até meados dos anos 90, esse tipo de distúrbio psicológico era um quase monopólio daqueles professores que trabalham em escolas públicas. Hoje, afeta igual quantidade de educadores de colégios particulares.

"Os alunos me enlouqueciam, por isso resolvi deixar o ensino e me dedicar a um doutorado. Eu me sentia humilhado. Não havia nenhum respeito pelos professores. Durante o intervalo, meus colegas chegavam à sala de convivência tremendo de raiva. Alguns choravam. E o pior é que não recebíamos apoio nem dos pais, que protegem demais os filhos, nem dos coordenadores, que têm medo de perder alunos."

**Marcos Hideaki Ono, paulista de 37 anos, ex-professor do ensino médio**

Sempre fez parte do desafio do magistério administrar adolescentes com hormônios em ebulição e com o desejo natural da idade de desafiar as regras. A diferença é que, hoje, em muitos casos, a relação comercial entre a escola e os pais se sobrepõe à autoridade do professor. "Ouvi em muitas reuniões com coordenadores o lembrete de que os pais e os alunos devem ser tratados como clientes e, como tais, têm sempre razão", diz Iole Gritti de Barros, de 54 anos, professora aposentada. Durante 33 anos ela ministrou aulas de história para alunos da 5ª série em colégios particulares de São Paulo. Em algumas escolas, o temor de desagradar aos pais e perder os alunos acaba se sobrepondo à necessidade de impor ordem na sala de aula. A postura leniente com a disciplina explica-se, em parte, pelo número crescente de carteiras vazias. Em cinco anos foram abertas 2.000 novas instituições particulares de ensino fundamental e médio, enquanto a quantidade de alunos permaneceu inalterada.

Todo professor se prepara para as diabruras tradicionais dos alunos, como colocar tachinhas na cadeira em que ele vai sentar ou barbantes estendidos no chão da sala para vê-lo tropeçar. São comportamentos que fazem parte do folclore escolar. A diferença agora é que em muitas escolas os bagunceiros não são mais castigados. "Há quarenta anos um jovem que adotasse esse tipo de postura seria punido pela escola e receberia uma bronca em casa, tornando-se motivo de vergonha para os pais", diz a pedagoga carioca Tania Zagury, autora do livro *Escola sem Conflito: Parceria com os Pais*. "Hoje, a punição é cada vez mais rara, tanto na escola como em casa." Os pais têm larga parcela de culpa no que diz respeito à indisciplina dentro da classe. É uma situação cada vez mais comum: eles trabalham muito e têm menos tempo para dedicar à educação das crianças. Sentindo-se culpados pela omissão, evitam dizer não aos filhos e esperam que a escola assuma a função que deveria ser deles: a de passar para a criança os valores éticos e de comportamento básicos.

É uma relação contraditória. Os pais entregaram a educação dos filhos aos colégios, mas alguns acham exageradas as exigências escolares ou as punições impostas aos indisciplinados. Também se vêem no direito de deixar o filho na escola com atraso ou buscá-lo mais cedo, a pretexto de viajar ou ir ao dentista – como se o horário de estudo não tivesse importância. Sem poder impor regras aos alunos, os professores acabam ficando impossibilitados de fazer aquilo que os pais esperam deles. A escola é um lugar onde as crianças aprendem a convivência em sociedade, com todas as suas regras. Ao perceberem que os pais estão sempre do seu lado, os estudantes ficam com a impressão de que tudo é permitido. "Um aluno chegou a me dizer que não iria fazer o que eu estava pedindo porque, como o pai dele pagava a escola, ele se comportava como queria lá dentro", diz a pernambucana Sandra Helena de Andrade, professora de português em duas escolas privadas do Recife.

"Nas reuniões com os coordenadores eles exigiam que a gente tratasse os alunos como clientes, lembrando que freguês tem sempre razão. Um absurdo. Eu sei que a escola é uma empresa, mas tratar os alunos como clientes ou patrões é uma total inversão dos papéis. Uma vez um aluno me disse que não ia me obedecer porque quem pagava a escola era ele. Fiquei furiosa. Não sei o que será desses alunos, com valores morais

deturpados. Eles acham que podem tudo."

### **Iole Gritti de Barros, 54 anos, professora de história aposentada**

O professor acaba submetido a múltiplas pressões. É seu dever ensinar, impor disciplina aos alunos e, ao mesmo tempo, evitar que a escola perca "clientes". "Os esforços para passar a matéria equivalem a uma parcela mínima do desgaste físico e mental do professor", diz Marcos Hideaki Ono, de São Paulo, professor de física durante dez anos. O restante da energia é aplicado para controlar a classe, motivar os alunos e, às vezes, ensinar aos adolescentes princípios morais e éticos básicos. Ono, de 37 anos, conta que não suportava mais a agressividade dos alunos e, recentemente, abandonou o ensino para seguir carreira acadêmica em física. "Nos intervalos das aulas, era comum ver colegas tremendo de raiva ou chorando na sala de convivência dos professores", diz Ono. Uma de suas colegas pediu demissão depois que os alunos começaram a atirar-lhe moedas, insinuando que ela, por ser negra, era indigente.

A autoridade do professor é importante no processo de aprendizagem do aluno. No passado, o respeito ao mestre era imposto de forma autoritária, sem deixar espaço para um relacionamento informal. Castigos e palmadas eram considerados excelentes métodos para moldar a personalidade de alunos rebeldes e prepará-los para a vida adulta. Em geral, as escolas incorporavam um estilo disciplinar de inspiração militar. Esse modelo começou a ser substituído na década de 60, com a difusão da psicologia e de métodos pedagógicos que valorizavam o respeito à individualidade da criança e do estudante. Passou a valer o conceito de que punir e reprimir os alunos era ruim para o desenvolvimento da criatividade e do espírito crítico. Nas décadas de 70 e 80, ainda predominava um meio-termo entre o respeito à autoridade do professor e a liberdade concedida aos alunos. "Nos últimos anos, esse equilíbrio foi desfeito pela postura dos pais de se colocar sempre em defesa dos filhos e pela necessidade das escolas de manter os alunos a qualquer custo", diz Dante Donatelli, coordenador do Colégio Sidarta, de São Paulo.

*Com reportagem de José Eduardo Barella*

### **O desafio de ensinar na periferia**

Se o professor de escola particular precisa ter jogo de cintura para lidar com a falta de disciplina em classe, o de rede pública necessita ser pós-graduado em regras de sobrevivência. Ambos defrontam com o problema da falta de disciplina, mas as salas superlotadas dos bairros mais pobres incluem agravantes. O jovem da periferia entra na escola sem grandes perspectivas de futuro e essa frustração acaba se refletindo em sua relação com o professor. O aluno não sonha em ser médico ou advogado. Quer ser pagodeiro, jogador de futebol; o que importa é fazer sucesso e ganhar dinheiro rápido. Essa inversão de valores contém enorme potencial de violência. "Quem sobressai socialmente numa escola de periferia não é mais o aluno estudioso, mas o valentão, o sujeito esperto", diz Douglas Martins Izzo, professor de geografia numa escola estadual em Itaquaquecetuba, na Grande São Paulo. "As agressões verbais são as mais comuns, mas eu já fui ameaçado dentro da classe por um aluno que mostrou uma arma escondida sob o casaco e me disse: 'Aqui dentro você é o professor, mas lá fora é uma pessoa comum'."

De acordo com uma pesquisa da Unesco de 2002, mais da metade dos professores da rede



pública de ensino do Brasil já foi agredida por alunos dentro ou nos arredores da escola. O tráfico de drogas é apontado pelos professores como o grande desafio da escola pública. Muitos alunos são usuários e o tráfico age à vontade. O diretor e os professores sabem quem são os traficantes, mas se recusam a delatá-los à polícia por uma questão de sobrevivência. Em Itaquaquecetuba, uma professora que decidiu dar nomes ficou com o rosto deformado de tanto apanhar. Um funcionário que tentou impedir a venda de drogas levou um tiro dentro da própria escola. "Nas áreas urbanas mais pobres, as crianças vivem em um ambiente de violência em casa e no bairro, o que acaba se refletindo dentro da escola", diz a socióloga Miriam Abramovay, vice-coordenadora do Observatório de Violências nas Escolas, da Universidade Católica de Brasília, e coordenadora da pesquisa da Unesco.

O professor de inglês Carlos Gomes Martins, que desde o ano passado dá aulas em uma escola estadual em Poá, também na Grande São Paulo, enfrentou uma situação de perigo logo no primeiro mês de trabalho. "Um aluno do ensino médio com o qual eu havia discutido partiu para cima de mim para me agredir durante a aula", diz Martins. "Por sorte foi contido pelos colegas." Uma diferença entre a escola pública e a particular diz respeito ao comportamento dos pais. Na rede privada, o professor é visto como um prestador de serviço e a família reage mal quando o aluno é repreendido. Na periferia, ao contrário, os pais vêm o professor como a última chance de os filhos terem educação. Significa que, em geral, apóiam o professor quando ele é severo com seus filhos.

### **O retrato da indisciplina**

Dante Donatelli, coordenador de escola e autor do livro *Quem Me Educa? – A Família e a Escola Diante da (In)Disciplina*, compilou dez atitudes comuns em colégios particulares de São Paulo e que demonstram o desrespeito dos alunos em relação aos professores

1. Tratar o professor como empregado
2. Jogar objetos no professor em sala de aula
3. Xingar o professor com palavrões
4. Negar-se a sair da sala de aula quando expulso
5. Exigir o direito de escolher a data de entrega dos trabalhos escolares
6. Ignorar a presença do professor em classe
7. Entrar e sair da aula à vontade, sem se importar com o professor

8. Discutir os critérios das notas das provas dadas pelo professor
9. Dar ordens ao professor
10. Negar-se a fazer prova e entregar atestados médicos falsos como desculpa

## Anexo C

Comentários feitos no site :

### 3.1 Sobre Disciplina / Texto / Com medo dos alunos

P1: *Muitas vezes esses atritos podem ser causados pelo excesso de autoritarismo do professor, que exige ser a única autoridade em sala de aula e não aceita negociar regras. Isso causa muitos atritos desnecessários.*

P5: *Eu não tenho esse problema em sala de aula por que no primeiro dia de aula esclareço as regras do jogo com diálogo e amizade, trato os alunos como amigos por esse motivo minhas aulas não apresentam indisciplina.*

P6: *O Professor tem a tarefa de ensinar ao aluno, a disciplina que lhe é afeta. As questões de indisciplina devem ser tratadas de acordo com a situação apresentada. Vale lembrar, que a moderna pedagogia, preconiza a importância da disciplina em sala de aula, como fator de facilitação para o aluno no seu aprendizado. O professor não precisa ser autoritário e sim ter postura profissional para poder dar o seu recado, sem problemas com o aluno.*

P12: *Tenho experiência no ensino superior e no ensino profissionalizante. Nunca tive nenhum conflito pessoal com um aluno ou coletivo com uma turma, mas sei que estamos sujeitos à isso. Entrar e sair de sala de aula à vontade é um problema que afeta a nossa salutar " vaidade acadêmica". No meio universitário é mais difícil de controlar, porque o aluno não percebe a autoridade do professor e/ou a importância da aula e, normalmente, sai mais cedo de sala (ou para trabalhar ou por medo de assaltos, em cursos noturnos). Além disso, há o problema do uso não disciplinado de celulares. Procuro conversar, demonstrar respeito por eles e disseminar uma imagem sempre solidária e positiva, para ter o feed-back. Salas cheias, instalações deficientes etc. Nem todas as culpas são dos alunos.*

P21: *Tenho algum tempo como professor, ou seja: educador, vinte três anos atuando. Aprendi a me adequar às transformações pelas quais a escola e os instituídos vêm atravessando nesses últimos anos. Como professor de Educação Física no ensino fundamental e no ensino superior procuro sempre refletir sobre as questões acima relatadas. Acredito porém que "respeito" é conquista que inevitavelmente acredito eu, que esteja relacionada com um ingrediente chamado admiração. Se no processo conseguimos seduzir e ser seduzido pelo que ainda resta de bom no processo e também nos atores desse processo. E no mais escola é escola como bem sabemos a que deve se prestar e aluno é aluno e não cliente. Isto tem que ficar muito claro!!!*

P22: *Acho que estas atitudes dos alunos são reflexo da própria educação familiar. Hoje os pais não dão limites aos filhos e por isso temos crianças e adolescentes que desconhecem como seguir regras, pois para viver em sociedade isto é necessário. Como no futuro este indivíduo terá um chefe no seu emprego? Sei que é difícil controlar estes alunos, já que não se conta com o apoio dos pais e nem da direção das escolas que tratam estes alunos como clientes. Eles não são clientes, são sim o centro do processo de aprendizagem o que é muito diferente. Neste processo de aprendizagem o aluno é o principal. Mas acho que é pretensão o professor achar que ensina alguém. Ele apenas é um orientador neste processo e o aluno precisa querer aprender e fazer a sua parte assumindo suas responsabilidades. Respeito não se pede, ele é fruto de uma postura do docente e o aluno percebe isto.*

P3: *Discordo da opinião da colega P1. Acho que esses problemas levantados são oriundos da falta de limite desses alunos, primeiro em casa com os pais e depois no ensino fundamental, onde colegas não conseguem se impor e partem para o que chamam de "democratização da aula". Se vocês preferirem podem me rotular como autoritário sim, pois na verdade o professor é a ÚNICA autoridade dentro da sala de aula sim! É esse sentido de autoridade que cria o sentido de limite. Não é admissível um aluno dentro de sala de aula dizer que se opõe a determinação do professor por que ele é que paga a escola. Pagar a escola é obrigação do aluno ou responsável, independente de qualquer fato. A situação caótica no meio acadêmico vem da falta de união e de ética entre os colegas professores, e só por isso nos somos obrigados a nos submetemos a algumas situações vexatórias, como baixíssimos salários, atrasos de pagamento e em alguns casos até falta de pagamento, redução de carga horária de forma arbitrária, etc. Quando o professor aprender a se valorizar como um profissional sério, pode ser que as autoridades públicas e/ou os donos de colégios particulares passem deixar nosso trabalho fluir como deve ser, sem prerrogativas extremamente capitalista ou prioritariamente políticas. Ai sim, deixaremos de ser meros propagadores de conteúdos para sermos então educadores.*

P4: *Eu voto no Marcus! E acredito também que a falta de educação gerada em casa seja o nosso maior problema.*

P9: *Primeiramente, a indisciplina em sala de aula ocorre pela falta de educação que o aluno já traz de casa. Hoje em dia, os pais não dão limites aos seus filhos. Ter filho por ter é muito fácil, difícil é educá-lo. Às vezes, o professor tem muito conhecimento, porém não apresenta didática alguma. Muitas vezes, os futuros professores não têm interesse nenhum pelas disciplinas de licenciatura que são ministradas na faculdade. Além disso, o magistério torna-se um "bico" ou a frustração de muitos profissionais.*

P10: *Para se chegar à disciplina, há necessidade de código mínimo de comportamento, com pequenas coisas, não se transigindo com elas. A exigência rigorosa com pequenas coisas é que treina para as maiores e prepara um comportamento educado em tudo mais. É preciso que os pais, por exemplo, disciplinem os filhos, exigindo-lhes o cumprimento de coisas mínimas e respeitem limites. A escola por sua vez, precisa ter um código de comportamento e exigir que seja cumprido. Ao professor, a sua parte, exigindo que o clima em sala de aula seja de urbanidade, respeito, atenção e seriedade. No ambiente escolar o objetivo é de educar e não o de agradar para ter mais cliente ou o de se conquistar a imagem de liberais e*

*modernas. Criar limites é educar; para educar, é preciso disciplinar; para disciplinar, é preciso punir adequadamente, nem que seja apenas moral e eticamente.*

*P11: Se a escola mudou e se o aluno mudou, quem sabe não seja a hora de o professor mudar também? Toda sociedade é mutante; os papéis mudam e não faz exatamente muito sentido nos agarrarmos a paradigmas antigos para tentar sobreviver. É fundamental que paremos e repensemos nosso papel de professores, nossas atitudes, trocando idéias sobre experiências bem sucedidas neste novo cenário educacional, a fim de definir nossas posturas profissionais e até conceituais. Não sou um professor cabeça-aberta, vanguardista ou o que seja. Pelo contrário, sou bastante conservador quanto ao papel de cada um nesta relação aprendiz - ensinante. Contudo, tenho visto mudanças comportamentais em nossa sociedade de caráter inexplicável, como a questão do direito do algoz em detrimento do direito da vítima, numa inversão de valores antes inconcebível. Sentemo-nos, repensemos nosso futuro profissional com a consciência focada no contexto atual, pois o cenário não vai mudar só porque um dos personagens quer.*

*P13: Acredito que, em parte, todos apresentam questões fundamentais neste aspecto. Cabe, contudo, observar que vários pontos são importantes nesta análise: 1) os jovens, em geral, perderam o respeito pelos mais velhos - o que é uma questão de educação. Os pais, despreparados para serem pais, não ensinam aos filhos o que não aprenderam e se desvencilham de sua responsabilidade outorgando à escola o dever de educar. Esta concepção errônea do papel da escola faz com que os pais se sintam no direito de cobrar dos profissionais da educação o que na verdade deveria ser dever deles (pais), num tipo de contrato comercial cada vez mais aceito. Essa noção de que o usuário do serviço deve exigir a prestação deste conforme suas exigências é repassado ostensiva ou repetitivamente aos filhos, que agem em consonância com o que aprenderam. 2) Os cursos de formação na área de licenciatura ainda se prendem a paradigmas diacrônicos, estudando clássicos da psicologia e da pedagogia quando, na realidade, os padrões comportamentais mudaram radicalmente nas últimas décadas. Não é culpa exclusiva das escolas de formação: não temos estudos e pesquisas suficientes que possam produzir conhecimento específico sobre esta área que nos dêem respaldo acadêmico (e, por outro lado, para alguns, é conveniente continuar lecionando em terreno conhecido).*

*P20: Creio que o problema apresentado no texto revela-nos a dificuldade que professores, alunos e pais estão tendo de lidar com os valores do mundo moderno. É necessários reavaliarmos nossos procedimentos em sala de aula.*

*P17: Não sei se de fato é um medo o que sentimos antes de entrar numa turma indisciplinada ou se é uma revolta conosco mesmos. Ao fazermos algo que não queremos estamos violando códigos de ética que estabelecemos para a nossa realização profissional. Ninguém quer ser um educador desta forma, mesmo considerando que no dia a dia existem desafios que a própria carreira exige. Não precisamos deste tipo de desafio. O que acontece quando encontramos quadros gritantes de indisciplinada não me parece que seja responsabilidade nossa resolver este problema. Alguém aí deixou de cumprir com a sua tarefa ou de responsável educador ou de dirigente de uma instituição de ensino.*

### **3.2 Sobre Interatividade / Charge / Professor Bocão**

P1: *Este é o tipo de aula, de metodologia, de que precisamos nos libertar. A Educação deve ser uma interação entre o conhecimento do aluno com o que o profissional pretende valorizar em termos de conhecimento, como diria Paulo Freire: uma tentativa de construir a educação libertadora para, possibilitar-lhe o crescimento e desenvolvimento social.*

P3: *O discurso do Marcelo hoje já é quase consenso. O estranho é que só vejo práticas como a do desenho, ou seja, todo mundo diz que deve ser diferente e chega na sala de aula e manda o aluno calar a boca. Por que será?*

P4: *Infelizmente é o que mais se pratica em nossas salas de aula. O professor, "possuidor do conhecimento pleno, total", único a atuar e, seus alunos, ouvintes passivos, sem chance de vivenciarem uma educação criativa, crítica, co-participativa e cooperativa. É fundamental libertarmos-nos desta pedagogia retrógrada, só de transmissão de conhecimentos, para uma pedagogia libertadora, interativa, na construção dos saberes.*

P5: *Considero que o processo educacional é um saber construído, sendo assim o professor bocão e o aluno orelhão apenas reproduzem um saber, repetindo sem crítica um conhecimento adquirido. A construção do saber deveria passar por uma produção que envolveria uma comunicação efetiva em um processo dialético. Será possível essa prática?*

P7: *Já não cabe mais na atualidade essa aula. Cala boca! Temos que participar e colaborar com o crescimento do educando, e para tanto necessitamos transformar a interação (Professor/Aluno).*

P9: *Esta charge representa o que Paulo Freire cunhou de educação bancária, o aluno é depósito de conhecimentos. Com isto, perdemos a oportunidade de contextualizar as situações do cotidiano escolar e trocamos vivências e levamos a teoria para a prática, articulando a ciência com a realidade.*

P10: *Não é a melhor maneira, mas, muitas vezes é uma realidade que não pode ser ignorada. Muitas vezes esta aula cuspe e giz é dada porque faltam recursos ao professor e/ou a instituição, por falta de motivação e atualização deste professor. Mas nestes casos, a quem culpar? Ao professor? Ao sistema onde está inserido? Acredito que olhar as culpas não produz soluções, o que gera respostas seria o empenho de todas as partes envolvidas.*

P12: *Discordo que uma aula tenha de ser dada com cuspe e giz e sem a participação do aluno porque a instituição não tem recurso material para fornecer. O professor BOCÃO existe para facilitar a prática do docente, quanto menos o aluno participar menos trabalho o professor terá.*

### **3.3 Sobre Interatividade / Charge / Aula de informática**

P1: *Parece-me que este quadro apresenta uma atitude extremada do professor em que ele perde o seu lugar. No entanto, não vejo problema nos alunos ensinarem "coisas" para os professores. Estamos vivendo um momento de transição em que as atitudes extremadas são muito comuns. Precisamos investir na qualificação dos professores, especialmente no ponto*

*de vista educacional. É preciso refletir sobre o lugar que o professor ocupa no processo educacional, o lugar do aluno, do conteúdo, da tecnologia... É preciso refletir sobre o que é Educar nessa nova realidade.*

*P2: Não julgo extremada a situação sugerida pela imagem. Alunos ensinando professores sobre tecnologia é a regra e não a exceção. Concordo, no entanto, que isso nos faz refletir sobre nosso lugar, como professores. Acho que temos reproduzido uma escola que há muito não funciona. E por que reproduzimos? Temos uma jornada de trabalho que não comporta uma pedagogia diferente da que fazemos. E isso não tem nada a ver com tecnologia.*

*P13: Essa charge representa fidedignamente a realidade que impera nas salas de aula. As tecnologias avançam em uma velocidade assustadoramente grande, e, nós profissionais, se não dedicarmos nossa atenção a este tópico, acabaremos desatualizados e, por conseqüência, despreparados para atender às novas perspectivas.*

*P14: Paulo Freire nos legou que quem ensina aprende; quem aprende, ensina. Na tendência progressista crítico-social, professores e alunos mediam seus conhecimentos. Parece-me que esta charge exemplifica esta tendência.*

*P3: Concordo com a opinião anterior, visto que para nossos alunos, principalmente quando adolescentes, o mundo da internet é bem mais conhecido e explorado. Não acho que estejamos perdendo nosso lugar, mas sim que é necessário uma busca constante, de nossa parte, de entrosamento com as novas tecnologias. Não podemos esquecer que "Mestre é aquele que, de repente, aprende".*

*P4: Para evitar a situação apresentada o professor deveria estar preparado para todas as situações.*

*P5: Pelo que já vi, pode-se evitar tais situações e é uma questão de atitude. Alguns professores separam o seu aprendizado: em casa eu tenho interesse e invisto meu tempo para passatempo, mas no trabalho... "não posso perder tempo, tenho que dar aulas". Alguns ainda têm medo do computador. Outros são interessados, decididos e aprendem com empenho, independente de idade ou de experiência em docência.*

*P9: É importante que a professora esteja familiarizada no contexto da informática, mas é preciso também que a professora esteja com o conteúdo da sua matéria atualizada, porque se não estiver sabendo, não adianta estar informatizada*

*P12: Concordo com a troca, entretanto, devemos ter cuidado de não transgredir o processo educacional.*

*P6: Achei ótimo a professora ter sido inserida na tecnologia/WEB utilizada pelos alunos. Não vejo problema algum nessa troca de informação. Acredito que tendo noção dos interesses dos alunos as aulas serão mais proveitosas. Tem o lado também da falta de preparo da professora, ela deveria ter noção dessa tecnologia/estratégia de ensino antes de utilizar. Será que os professores têm interesse ou tempo para essa atualização???*

P7: *A realidade dos nossos educandos muitas vezes nos deixa surpresos, mostrando nos como eles estão ligados no mundo virtual, e que podemos aprender muito com eles valorizando os seus conhecimentos.*

P8: *Achei excelente a postura da professora em aceitar a troca de informações, interagindo com seus alunos. Ela possibilitou esta troca com seus alunos, saindo da posição de "poder único" e participando da troca de conhecimentos com seus alunos. Com certeza criou um ambiente mais interessante e estimulante em sala de aula, com a participação de todos.*

P11: *Acho que essa situação não é nem um pouco impossível! São diárias as situações em que alunos nos mostram e ensinam situações que por muitas vezes estão fora de nosso cotidiano! Essa aproximação, essa interatividade nos dá uma bagagem extra até mesmo para fazermos trabalhos melhores com esses e outros alunos.*

P16: *É a mais pura realidade, uma vez que, nossos alunos encontram-se, tecnologicamente, muito mais atualizados que nós. Pena que na maior parte dos casos, eles só encontram-se atualizados e especializados na informação informatizada.*

P17: *Interessante, pois é possível notar que o processo é uma via de mão dupla, ou seja: as experiências cotidianas dos alunos são preciosas para nós docentes. Assumir que aprendemos com os nossos alunos é estar "linkado" a escola além dos muros.*

P15: *A charge pode ser vista de formas diversas... Talvez a professora em questão seja uma excluída digital, com medo de tecnologia. Nesse caso, ela realmente ficou surpresa: primeiro com a quantidade de informações incríveis que o mundo virtual pode oferecer, o outro aspecto seria o domínio que os alunos têm deste ambiente. Este recurso, às vezes mal ou não aproveitado pelo professor permite acesso a diversas formas de mídia, o que pode produzir aulas que ele há pouco tempo jamais pensaria. Pra que esse universo de acessos e informações esteja disponível o professor não pode ter medo, nem de aprender e nem de ensinar.*

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)